



**UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DO  
MARANHÃO**

**CENTRO DE CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS – CCT  
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO – CAU  
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO – DAU**

**ADRIANA SILVA SANTANA MENDONÇA**

**ENSAIO DE UM SISTEMA DE ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS PARA SÃO LUÍS.**

São Luís – MA

2018

**ADRIANA SILVA SANTANA MENDONÇA**

**ENSAIO DE UM SISTEMA DE ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS PARA SÃO LUÍS.**

Trabalho Final de Graduação – TFG apresentado ao curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual do Maranhão para obtenção de grau de bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Barbara Irene Wasinski Prado

São Luís – MA

2018

Mendonça, Adriana Silva Santana.

Ensaio de um sistema de espaços livres públicos para São Luís. /  
Adriana Silva Santana Mendonça. - São Luís, 2018.

63 f.

Orientador (a): Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Barbara Irene Wasinski Prado.

Monografia (Graduação) – Curso de Arquitetura e Urbanismo,  
Universidade Estadual do Maranhão, 2018.

1. Espaços Livres Públicos. 2. Paisagismo. 3. São Luís. I. Título.

CDU:

712.1(812.1)

**ADRIANA SILVA SANTANA MENDONÇA**

**ENSAIO DE SISTEMA DE ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS EM SÃO LUÍS.**

Trabalho Final de Graduação – TFG apresentado ao curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual do Maranhão para obtenção de grau de bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Aprovado em: / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Profa. Dra. Barbara Irene Wasinski Prado** (Orientadora)  
Doutora em Urbanismo  
Universidade Estadual do Maranhão – UEMA

---

**Profa. Dra. Débora Garreto**  
Doutora em Urbanismo  
Universidade Estadual do Maranhão – UEMA

---

**Társis Lisandro Aires dos Santos**  
Arquiteto e Urbanista – Mestrando em Arquitetura Paisagística  
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

São Luís – MA

2018

*À minha irmã Ana Clara, que apesar de mais nova,  
sempre foi minha inspiração  
e ao meu avô Benedito que vive em minhas memórias  
e se orgulharia de me ver aqui.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus.

Aos meus pais que me apoiam sempre, me amam e se esforçam muito por mim.

À minha irmã que amo muito e está sempre ao meu lado.

À minha avó Maria Luiza que faz tudo por mim e que tenho como uma segunda mãe desde criança e juntamente a ela, agradeço ao meu avô, em memória, por todas as lembranças lindas da minha infância.

À toda a minha família.

À minha orientadora, Barbara Prado, que também me apoia nas ideias que tenho, que me chama para participar de novas experiências acadêmicas e isso me enriquece muito.

Aos meus professores que também me ajudaram a crescer como profissional e que sou eternamente grata. Especialmente o professor Armond, o professor Érico, a professora Grete, a professora Lúcia, a professora Marluce e o professor Salgado.

À minha grande amiga de longa data Thaisy Campos, que desde a escola caminha comigo e que esse ano trouxe ao mundo sua filha Maria Luiza, uma bebê que trouxe luz para nossos dias e que me fez sorrir a cada visita e cada mês que ia crescendo.

À Luís Fernando Linhares, por ser um bom amigo e sempre me ajudar.

Aos meus amigos do peito que tanto amo e que conheci na enfermagem, Fernanda França, Josafá Barbosa, Késia Maia, Livia Aroucha, Rafael Marques e Thamires Frota e que estão comigo até hoje, me dando o ombro e tornando a vida mais alegre. Foram eles que me deram forças para largar o curso que eu não gostava e correr atrás do meu sonho, meu muito obrigada, pois agora escrevo meu trabalho de conclusão de curso da Arquitetura e Urbanismo.

A meus colegas de profissão e amigos do peito, Caio Baldez, Larissa Mota e Letícia Desterro, que estiveram comigo nessa caminhada e que surtaram comigo e praticamente viveram minha monografia também, me ajudando, dando ideias e criticando o suficiente para que eu pudesse sempre melhorar.

Aos meus amigos da nataçao que tornaram essa caminhada mais leve e ao meu treinador, Diego Lorêdo, que me trouxe ensinamentos além do esporte e principalmente me ensinou a confiar em mim mesma.

Aos meus colegas do LAPA que contribuíram de alguma forma para a pesquisa, especialmente a Társis Santos que esteve comigo em muitas fases desse trabalho.

A todos os meus amigos não citados aqui, porém não menos importantes, que

estão sempre ao meu lado e que sem eles eu não seria eu.

## RESUMO

A paisagem de um local é de extrema importância na vida das pessoas que ali habitam. Funciona como a identidade do lugar, concedendo características particulares. A proposta desse trabalho é o ensaio de um sistema de espaços livres públicos para São Luís. Para isso, foi utilizado como parâmetro de comparação uma cidade onde já existe um resultado positivo diante de um projeto paisagístico, que é a cidade de Boston – Massachusetts, onde Frederick Law Olmsted desenvolveu um trabalho e a proposta principal era a interligação dos espaços livres já existentes, chamado Emerald Necklace (Colar de Esmeraldas). Foi feito o recorte temático das duas cidades, uma comparação de ambas para que fosse possível encontrar as potencialidades da cidade de São Luís e dessa forma ensaiar o sistema de espaços livres em cima do que foi encontrado. Assim chegou-se a uma proposta para um sistema de espaços livres mais verde, mais harmônico, mais útil, mais receptivo e assim os ludovicenses poderem usufruir mais da cidade.

Palavras chaves: Espaços Livres Públicos, São Luís, Boston.



## **ABSTRACT**

The landscape of a place is very important in the lives of the people who live there. It functions as the identity of the place, granting particular characteristics. The proposal of this work is the test of a system of public spaces for São Luís. For this, it was used as a comparison parameter a city where there is already a positive outcome to a landscape project, the city of Boston, Massachusetts, which Frederick Law Olmsted developed a work that the main proposal was the interconnection of existing spaces, called Emerald Necklace. A thematic cut of the two cities was made, a comparison of both so that it was possible to find the potentialities of the city of São Luís and rehearse the system of free spaces over what was found. There has been a proposal for a greener, more harmonious, more useful, more receptive system of spaces, so that citizens can enjoy more of the city.

Key words: Public Free Spaces, São Luís, Boston.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Espaço verde e área verde. Fonte: SANTOS, 2015 a partir de MACEDO (2012, p. 93). ....	19
Figura 2 – Localização de Boston em Massachusetts. Fonte: Google Maps 2017. ....	23
Figura 3 – População de Boston entre 1900 e 2015. Fonte: BPDA Research Division Analysis, 2015. ....	24
Figura 4 – Porcentagem de habitantes por gênero e faixa etária em 2010. Fonte: BPDA Research Division Analysis, 2015. ....	25
Figura 5 – Bairros de Boston. Fonte: BPDA, 2015. ....	26
Figura 6 – Mapa de 1970 do Boston Common, o Public Garden e o Commonwealth Avenue Mall – Fonte: BPDA. ....	28
Figura 7 – À esquerda, passeio de Swan Boat no Public Garden. Fonte: Letícia Desterro, 2017 e à direita, Frog Pond no verão. No inverno o Frog Pond congela e vira pista de patinação. Fonte: Adriana Mendonça, 2017. ....	29
Figura 8 – Totem na entrada principal do parque. “The Common: an Historic overview”. Fonte: Letícia Desterro, 2017. ....	29
Figura 9 – À esquerda, caminhos arborizados no The Common. E à direita Commonwealth Avenue Mall – Fonte: Adriana Mendonça e Leticia Desterro, 2017. ....	30
Figura 11 – Mapa dos parques do Emerald Necklace atualmente. Fonte: Emerald Necklace Conservancy, 2017. ....	31
Figura 12 – Mapa dos parques do Emerald Necklace atualmente. Fonte: Emerald Necklace Conservancy, 2017. ....	32
Figura 13 – The Riverway. Fonte: Cortesia de Marion Pressley, FASLA, Pressley Associates ao Jared Green, 2013. ....	32
Figura 14 – Olmsted Park. Fonte: Letícia Desterro, 2017. ....	33
Figura 15 – Jamaica Pond. Detalhe na primeira imagem do banco famoso do local. Fonte: Adriana Mendonça e Letícia Desterro, 2017. ....	34
Figura 16 – Imagens do Arnold Arboretum. Fonte: Adriana Mendonça, 2017. ....	34
Figura 17 – Franklin Park. À direita, entrada do Franklin Park Zoo, que se localiza no interior do parque. Fonte: Adriana Mendonça, 2017. ....	35
Figura 18 – Logo da antiga BRA, agora BPDA. Fonte: BPDA Website. ....	36
Figura 19 – Prefeito Marty Walsh na rede social Twitter: “Até o fim do meu primeiro turno nós [cidadãos de Boston] teremos o melhor sistema de parques da América”. Fonte: <a href="https://oslindaleplaygrounds.org/vision/">oslindaleplaygrounds.org/vision/</a> . 2017. ....	40
Figura 20 – Antes (pequeno) e depois do playground de Fellon Field. Fonte: Roslindale playgrounds, 2013. ....	40
Figura 21 – Desenho técnico do maior escorregador em playground de Boston, em Fellon Field. Fonte:	

Roslindale playgrounds, 2013.....	41
Figura 22 – Maior escorregador em playground de Boston, em Fellon Field. Fonte: Adriana Mendonça, 2017.....	41
Figura 23 – À esquerda, Prefeito Walsh no evento de abertura da praça. Ao centro e à direita, Community Choice Energy pede por energia limpa para residências de Boston. Fonte: Letícia Desterro, 2017.....	42
Figura 24 – Localização geográfica e limites dos municípios da Ilha de São Luís. Fonte: Prefeitura de São Luís, 2006.....	43
Figura 25 – Imagens da Lagoa da Jansen após a reforma de 2017. Fonte: Atual 7, 2017 .....	46
Figura 26 – Estruturas Significantes e Ativas da Paisagem Insular do Norte da Ilha de São Luís: análise das potencialidades do sistema de espaços livres. Fonte: LAPA, 2015 – Usando como base ©Google Maps.....	48
Figura 27 – Densidade demográfica de Boston, USA e São Luís, BR. Fonte: Letícia Desterro, 2017.	48
Figura 28 – Captura de tela da página de resposta do formulário do Google intitulado "Pesquisa sobre paisagem de São Luís"......	50
Figura 29 – Gráfico espaço livre público suficiente no bairro – "Pesquisa sobre a paisagem de São Luís." – Fonte a partir de Mendonça (2017). "Pesquisa sobre a paisagem de São Luís." – ©Google Forms.....	50
Figura 30 – Gráfico de respostas para a pergunta “Você frequenta alguma praça ou parque?”. Fonte: a partir de Mendonça (2017). "Pesquisa sobre a paisagem de São Luís." – ©Google Forms. ....	50
Figura 31 – Gráfico de respostas para a pergunta “Se não, por qual motivo você não frequenta?”. Fonte: a partir de Mendonça (2017). "Pesquisa sobre a paisagem de São Luís." – ©Google Forms.....	51
Figura 32 – Gráfico de respostas para a pergunta “Se sim, que distância da sua casa está esse espaço livre público?”. Fonte: a partir de Mendonça (2017). "Pesquisa sobre a paisagem de São Luís." – ©Google Forms.....	51
Figura 33 – Gráfico de respostas para a pergunta “Você acha que sua cidade tem espaços livres públicos suficientes para todos?”. Fonte: a partir de Mendonça (2017). "Pesquisa sobre a paisagem de São Luís.". © Google Forms.....	51
Figura 34 – Gráfico de respostas para a pergunta “Você considera que existe disparidade entre espaços livres de qualidade entre bairros nobres e bairros populares?”. Fonte: a partir de Mendonça (2017). "Pesquisa sobre a paisagem de São Luís." – © Google Forms. ....	52
Figura 35 – Caminho de tijolinho que pode ser visto por toda cidade. Na terceira imagem encontra-se o final do caminho e o Monumento Bunker Hill ao fundo. Fonte: Letícia Destêrro, 2017.....	54
Figura 36 – Espaços Livres Públicos utilizados no ensaio – Fonte: Adriana Mendonça, 2017 a partir de ©2015 SANTOS, Társsis. L. A.; PRADO, Barbara I. W.....	55
Figura 37 – Imagem da área da implantação do complexo de parques interligados. Fonte: Adriana Mendonça, 2017 a partir de ©2015 SANTOS, Társsis. L. A.; PRADO, Barbara I. W.....	57

- Figura 38 – Imagem representativa da implantação do complexo de parques interligados. Fonte: Adriana Mendonça, 2017 a partir de ©2015 SANTOS, Társis. L. A.; PRADO, Barbara I. W. ....58
- Figura 39 – Na sequência: 1 é o mapa de São Luís, 2 é o mapa com os espaços livres de São Luís sobreposto no mapa, 3 é o esquema paisagístico de interligação dos espaços livres públicos e 4 é o ensaio de sistema de espaços livres públicos para São Luís. Fonte: Adriana Mendonça, 2017.....59

## TABELA DE SIGLAS

BPDA	Planning and Development Agency
BPL	Boston Public Library
UEMA	Universidade Estadual do Maranhão
LAPA	Laboratório da Paisagem e do Ambiente
FAPEMA	Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ELPs	Espaços Livres Públicos
EL	Espaços Livres
QUAPÁ	Quadro do Paisagismo no Brasil
QUAPÁSEL	Quadro da Paisagem no Brasil – Sistema de Espaços Livres
SEL	Sistemas de Espaços Livres
USP	Universidade de São Paulo
USA	United States of America
IMP	Institutional Master Plan
IPLAM	Instituto de Pesquisa e Planejamento do Município
IMPUR	Instituto da Paisagem Urbana

## Sumário

1.	INTRODUÇÃO .....	15
2.	METODOLOGIA .....	16
3.	SISTEMA DE ESPAÇO LIVRE PÚBLICO .....	18
4.	A CIDADE DE BOSTON E SEUS ASPECTOS PAISAGÍSTICOS .....	23
4.1	BOSTON COMMON.....	26
4.2	THE EMERALD NECKLACE, O COLAR DE ESMERALDAS.....	30
4.3	BOSTON E A COMUNIDADE .....	35
5	A CIDADE DE SÃO LUÍS E SEUS ASPECTOS PAISAGÍSTICOS .....	42
6	ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS ENTRE SÃO LUÍS E BOSTON.....	48
7	ENSAIO DE SISTEMA DE ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS EM SÃO LUÍS .....	54
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	60
9	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	62

## 1. INTRODUÇÃO

Na cidade de Boston houve um projeto paisagístico chamado “Colar de Esmeraldas” (Emerald Necklace), que é uma referência importante de estudo e de excelência na gestão dos espaços livres públicos. Além disso, apresenta formas consolidadas de participação popular no desenvolvimento de projetos paisagísticos, desde o século XIX, quando Emerald Necklace foi criado por Frederick Law Olmsted, que é também fundador da disciplina da Arquitetura Paisagística (BONZI, 2014); por esse motivo Boston foi escolhida como cidade para estudo e assim repensar a paisagem urbana de São Luís.

Aqui será apresentado um ensaio paisagístico para o município de São Luís, capital do Maranhão, baseado na experiência bem-sucedida do Emerald Necklace, que pode ser vista até hoje na cidade de Boston. Sendo assim, esse trabalho tem como objetivo geral ensaiar um sistema de espaços livres públicos a partir de uma análise comparativa paisagística entre duas cidades, Boston/USA e São Luís/BR, apoiado na experimentação prática de ambas. Para isso foi preciso cumprir os seguintes objetivos específicos tais como: estabelecer o recorte teórico a respeito do sistema de espaços livres; definir os parâmetros de comparação paisagística entre Boston e São Luís; e analisar as potencialidades e fragilidades da paisagem ludovicense para formação de um sistema de espaços livres públicos.

Para isso, esse projeto monográfico percorre cinco capítulos de desenvolvimento, sendo o primeiro, uma breve exposição sobre os espaços livres públicos e seus conceitos estudados por vários autores como Sá Carneiro e Mesquita, Queiroga, Macedo, Tardin, Bartalini, Prado, dentre outros e então são estabelecidos os parâmetros de comparação paisagística, que serão utilizados na análise da cidade de Boston e de São Luís.

No segundo capítulo será exposto o conhecimento que foi adquirido no estágio em Boston e em pesquisas sobre a cidade, elaboradas durante o Estágio Internacional de três meses de duração apoiado pela FAPEMA, onde se comenta sobre os aspectos paisagísticos, geográficos e sobre a população. Além disso, o capítulo possui subdivisões para apresentar detalhes dos parques que compõem o Emerald Necklace, também do Boston Common que é o parque mais antigo dos Estados Unidos e sobre a comunidade e sua participação, direta e indireta, na gestão dos espaços livres.

Já no terceiro, discorre-se sobre a cidade de São Luís e seus aspectos paisagísticos, dando destaque para o parque da Lagoa da Jansen que recebeu reforma

recente, estando atualmente bastante utilizada pelos moradores dos bairros adjacentes. Também foi exposto o mapa de catalogação de espaços livres em São Luís na base de dados do LAPA (Laboratório da Paisagem e do Ambiente Construído ao qual esta pesquisa está vinculada) e das suas pesquisas usando a plataforma Google Maps.

O quarto capítulo traz a comparação paisagística das duas cidades trabalhadas nessa monografia, Boston e São Luís. E, para que fosse possível obter uma opinião dos ludovicenses sobre os espaços livres existentes e os anseios da população sobre eles, foi realizada uma pesquisa de opinião utilizando a plataforma do Google formulários. Após essa pesquisa pôde-se chegar a uma compreensão preliminar que contribuiu para se comparar o Sistema de Espaços Livres públicos de Boston com mais objetividade. Mesmo que ambas as cidades possuam dimensões e densidades demográficas bem distintas, apresentam o uso de áreas com curso d'água, uma população com necessidade de utilização de espaço livre e áreas antes fragilizadas e têm potencialidades para atender as demandas da população por uma paisagem urbana qualificada.

E, no quinto e último capítulo, apresenta-se o **ensaio de um sistema de espaços livres para São Luís**, baseado principalmente na ideia do Emerald Necklace, que consiste principalmente na interligação de parques já existentes para que se transforme a cidade em um local mais “caminhável” e confortável para os seus habitantes.

As conclusões a respeito da possibilidade e o propósito do ensaio desse sistema de espaços livres públicos finalizam o texto.

## 2. METODOLOGIA

O estudo acadêmico não se basta em leituras e pesquisas bibliográficas; existe a necessidade de pesquisa “in loco”, utilizando da experiência empírica para assim ser capaz de pensar criticamente sobre determinado assunto e expor ideias.

Essa pesquisa teve o caráter exploratório-descritivo, que visou levantar, registrar e avaliar informações coletadas tanto na cidade de Boston, quanto em São Luís, através do LAPA e de seus estudos sobre a paisagem insular da capital do Maranhão.

A pesquisa exploratória permite a aproximação do pesquisador com o objeto de pesquisa, envolvendo pesquisa bibliográfica e estudos de casos. Já a pesquisa descritiva descreve a situação por meio do observado in loco.

Para realização dos objetivos desta pesquisa houve a necessidade de aprofundarmos os



conceitos que permeiam o estudo em referência bibliográfica, como forma de respaldar as discussões sobre os aspectos paisagísticos de ambas as cidades.

O objeto de estudo, Sistemas de Espaços Livres – SEL, precisou da compreensão de diversificados projetos de espaços livres, levando em conta seus elementos construtivos, sua vegetação, sinalização e especialmente o uso e a apropriação dos espaços livres pela população.

A pesquisa realizada em Boston foi construída a partir de uma rotina baseada nas atividades realizadas pela Boston Planning and Development Agency (BPDA).

Em 2017, foram feitos três meses de estágio – maio, junho e julho – numa pesquisa intitulada ‘Projeto Urbano-Paisagístico Participativo e as Experiências de Gestão dos Espaços Livres Públicos em São Luís – Brasil e Boston – USA’, no âmbito do estágio internacional do edital Nº. 002/2016 – STGI. da FAPEMA, onde estagiou-se (Adriana Mendonça juntamente com Letícia Desterro) sob supervisão de Álvaro Lima na prefeitura de Boston – MA, nos Estados Unidos, chamado de City Hall, onde se localiza a agência responsável pelo planejamento urbano e desenvolvimento econômico da cidade, BPDA. O objetivo do estágio foi entender e aperfeiçoar os conhecimentos sobre a gestão dos espaços livres públicos na cidade de Boston que é uma grande referência paisagística, principalmente sobre o planejamento participativo e metodologias colaborativas nos ELPs. Desejava-se conhecer outras realidades, diferentes do contexto local e regional e ao mesmo tempo conhecer os processos do paisagismo referentes ao sistema de espaços livres fundador. Foram coletados dados sobre os espaços livres da cidade de Boston, onde foi possível conhecer as ferramentas que garantem o bom planejamento da cidade e suas particularidades. Foi vivenciada a vida da capital de Massachusetts, como os moradores percebem a cidade e a paisagem e o processo de gestão dos espaços livres pelos órgãos responsáveis.

As atividades eram internas ou externas. As internas geralmente se resumiam a reuniões com os profissionais da BPDA, onde era apresentado sobre os setores/áreas de cada um e ao mesmo tempo refletindo sobre os impactos disso na cidade. E as externas se fundamentavam na vivência empírica da cidade, como por exemplo, conhecendo comunidades e seus líderes, assistindo votações sobre alguma decisão, apresentação de projetos aos moradores e a aceitação dos mesmos, discussões sobre as necessidades dos bairros e atividades sociais nas vizinhanças. Além disso, visitando espaços livres públicos e privados, indo à biblioteca para pesquisar em livros sobre os assuntos e participando de eventos realizados na cidade.

Após toda coleta de dados realizada em 3 meses, pôde-se obter os dados para a realização de diversas pesquisas no LAPA. Assim como esta, que em conjunto com as pesquisas já desenvolvidas no laboratório propôs um ensaio comparativo com a cidade de São Luís para, dessa forma, encontrar potencialidades e fragilidades referentes ao funcionamento do sistema de espaços livres em São Luís.

Sendo assim, os passos desta pesquisa foram os seguintes:

- ✓ Organização de dados coletados na experiência vivida na cidade de Boston/MA – EUA, estudos sobre o Paisagismo de Boston/MA – EUA e estudos em livros, trabalhos, artigos, etc.;
- ✓ Estudos sobre o Paisagismo de São Luís/MA – BRA; estudos na base de dados do Laboratório da Paisagem e do Ambiente – LAPA, coordenado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Barbara Prado, estudos em livros, trabalhos, artigos, trabalhos finais de graduação, etc.;
- ✓ Analisar os dados obtidos e fazer uma comparação entre as duas cidades;
- ✓ E por fim, fazer uma análise das potencialidades e fragilidades da capital do Maranhão, comparando com Boston, para ensaiar um sistema de espaços livres para São Luís.

### 3. SISTEMA DE ESPAÇO LIVRE PÚBLICO

Se o Espaço é um sistema de objetos e um sistema de ações em permanente interação, como ensina Milton Santos (1998), o Sistema de Espaços Livres –SEL constitui-se na integração dos espaços livres das cidades, que formam um conjunto onde se desenvolvem as atividades ecológicas, sociais, culturais, de lazer, contemplação e convivência com o meio ambiente (PRADO, 2017).

A noção de sistema de espaços livres abrange um escopo muito maior que o do ‘sistema de áreas verdes’. Espaços livres e áreas verdes frequentemente ainda se confundem no Brasil; muito em função da cultura anglo-saxônica na área de paisagismo, presente nos quadros técnicos e acadêmicos do país, que privilegia os parques e demais áreas verdes e nem sempre observa a maior complexidade dos sistemas de espaços livres urbanos (...) (QUEIROGA et. al. 2007).

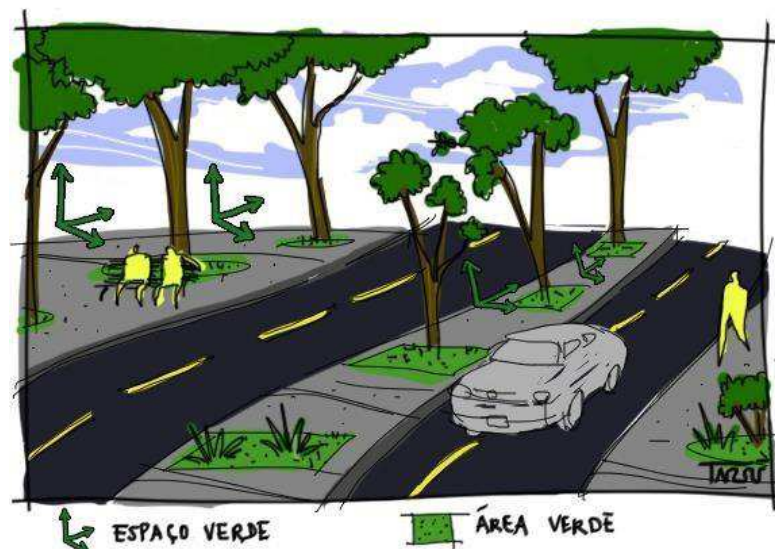
Sá Carneiro e Mesquita (2000) definem os Espaços livres, no contexto da estrutura urbana, como áreas parcialmente edificadas com nula ou mínima proporção de

elementos construídos e/ou vegetação – avenidas, ruas, passeios, vielas, pátios, largos; ou com a presença efetiva de vegetação – parques, praças, jardins, etc. – com funções primordiais de circulação, recreação, composição paisagística e de equilíbrio ambiental, além de tornarem viável a distribuição e execução de serviços públicos, em geral.

No LAPA os estudos vêm apontando que o termo espaço livre - EL (Open Space) corresponde a uma categoria específica de espaço, a uma generalidade física relacionada especificamente ao conjunto dos exteriores das edificações. Daí o conceito de espaços livres públicos - ELP não poder ser confundido com o de espaços públicos - EP, ou de espaços verdes - EV ou de áreas verdes - AV. O espaço público (Public Space) pode ser tanto interior quanto exterior, ser a praça ou o edifício do museu, da prefeitura, da escola (todos eles, espaços públicos).

Macedo conclui que: “[...] o conceito de áreas verdes deve assumir um só significado, o de designar toda e qualquer área plantada, tendo um significado social expressivo ou não; e não deve ser associado a espaços de conservação ou lazer que devem ter denominação específica” (MACEDO, 1995).

Figura 1 – Espaço verde e área verde. Fonte: SANTOS, 2015 a partir de MACEDO (2012, p. 93).



O espaço verde, como elemento natural do espaço livre, tem sua importância pautada em diversas funções: diversidade da paisagem e da vida silvestre, estabilidade à estrutura do solo e manutenção dos fluxos de água, influência sobre o clima e diminuição da contaminação atmosférica, além de função recreativa e educativa, como descanso

psíquico e para lazer (TARDIN, 2008).

Os ELs possuem diversas relações espaciais, dentre elas: com o subsolo, suas fronteiras e seu entorno. Os fenômenos que acontecem no subsolo esboçam-se na superfície, exemplo disso temos a planta que brota e utiliza da água no subsolo para isso e em caso de impermeabilizações do solo, impedindo o fluxo de água, impede a vida da planta. Igualmente, tudo que ultrapassa a fronteira do entorno também afeta o espaço, como as ocupações urbanas e as interferências das mesma nos seus processos naturais. Além disso, as modificações acontecem em diferentes direções e aspectos, onde convergem as modificações e as permanências que foram sofridas ao longo dos anos, identificando as cicatrizes e simbioses existentes na atualidade e traduzindo em estratégia de intervenção do território (TARDIN, 2008).

De Castro (2013) discorre sobre a conexão do espaço com as relações humanas:

No singular, "espaço público" refere-se à esfera pública, ao domínio dos processos propriamente políticos, das relações de poder e das formas que estas assumem nas sociedades contemporâneas. Nos espaços das cidades, na mídia ou na internet, é a esfera da cidadania e da expressão política das forças sociais, inclusive daquelas que pretendem a despolitização das relações humanas. No plural, o termo "espaços públicos" compreende os lugares urbanos que, em conjunto com infraestruturas e equipamentos coletivos, dão suporte à vida em comum: ruas, avenidas, praças, parques. Nessa acepção, são bens públicos, carregados de significados, palco de disputas e conflitos, mas também de festas e celebrações. Esses dois sentidos se interpenetram e, mais, não podem ser tomados fora de suas articulações ao domínio privado - o qual, inclui pessoas, famílias, grupos, empresas, corporações. Limites, estrutura, forma e função desses espaços constituem partes de agenciamentos complexos e dinâmicos, que se diferenciam conforme países e culturas" (DE CASTRO, 2013).

A identidade de um local tem grande influência dos EL, pois além de participar da estruturação visual do lugar, eles lhe concedem características particulares. É necessário preservar tudo que é resultado das modificações causadas pelo tempo e manter certos elementos que são de grande representatividade para o reconhecimento da área e permitir assim, que sejam compartilhados com a comunidade que o frequenta. A associação física, ecológica, visual e social do território, permite relevar as relações entre os ELs e seus entornos, fazendo deles, espaços integralizadores (TARDIN, 2008).

O espaço público é o palco em que se desenrola a vida comunitária. As ruas, os quarteirões e os parques de uma cidade dão forma ao fluxo da troca humana. Esses espaços dinâmicos são essenciais para as pessoas e as rotinas de trabalho e de vida doméstica, proporcionando uma dinamicidade para o local, os nós de comunicação e os motivos de lazer e relaxamento (CARR et. al., 1992).

Uma das razões que levam as pessoas a vivenciar a vida urbana, seja em uma parada em um lugar público onde permite que uma pessoa descanse e escape da confusão, ruído, multidões e da sobrecarga nos arredores se torna uma necessidade comum em ambientes urbanos complexos. Neste caso, o lugar se transfigura em refúgio, um "abrigo de estímulo", proporcionando um contraste com o "estresse" exterior. Satisfaz as necessidades frequentes dos habitantes e é representado pelas pessoas como locais "relaxantes e confortáveis", "oásis urbanos tranquilos e pacíficos, palavras de santuário" (CARR et. al., 1992).

Hannes (2016) indica os papéis que os ELs desempenham para um ambiente, que são as funções ecológicas, estéticas e sociais. O primeiro, no que diz respeito a presença de vegetação e o solo ser drenador de água da chuva, prevenindo enchentes e contribuindo para o lençol freático. A questão estética se dá na composição da paisagem pelas árvores, vegetações e etc., principalmente nas modificações que as mesmas sofrem nas diversas épocas do ano. E a questão social, está ligada ao convívio em comunidade ao lazer. Esses espaços são designados para lazer, descanso, leitura, orações, meditações e qualquer manifestação ao ar livre. Que concorda com o que Bartalini (1986) discorre a respeito das áreas verdes e espaços livres e o papel que ambos desempenham. Bartalini afirma que o meio urbano pode ser agrupado em três conjuntos: O primeiro diz respeito aos valores visuais ou paisagísticos, em senso estrito; o segundo aos valores recreativos e o terceiro aos valores ambientais.

Um determinado espaço pode desempenhar papel relevante nas condições ambientais de uma cidade e ao mesmo tempo ter um grande potencial recreativo e ser um elemento de destaque na paisagem urbana. Seria ideal que estas funções sempre estivessem interligadas. Se as apresentamos separadamente é por conveniência de exposição e por permitirem, assim separadas, estudos mais aprofundados e intervenções objetivas (Bartauni, 1986).

Como parâmetros de comparação paisagística, podem-se destacar:

- a) visadas estéticas e agradáveis para contemplação;
- b) caminhabilidade na cidade;
- c) transformação de áreas antes "inúteis";
- d) uso dos espaços livres pela população local e seus anseios em relação aos ELPs;
- e) participação popular nas decisões urbano-paisagísticas;

As visadas estéticas e agradáveis para contemplação, se refere ao visual que é proporcionado pelo planejamento da paisagem, porque a estética é sim algo muito

importante para os projetos paisagísticos e para a qualidade de vida das pessoas.

Os elementos que compõem o cenário urbano devem estar ordenados de forma harmônica, que possa ser apreciada. A função estética da paisagem urbana deve ser levada em conta pela Administração em toda e qualquer intervenção urbanística e sua proteção e garantia devem ser disciplinadas em lei. É evidente que o julgamento de padrões estéticos será sempre subjetivo, e a imposição de um padrão oficial de estética seria autoritária. Algum grau de consenso, no entanto, pode haver em relação à beleza de elementos naturais em geral (vegetação, céu, lagos, rios e praias) e até de elementos artificiais (monumentos, prédios históricos com características marcantes de determinado estilo e fachadas visualmente desobstruídas) (MINAMI, 2001).

A caminhabilidade na cidade se dá a partir da capacidade da pessoa se locomover utilizando áreas confortáveis para tal; nisso, incluem-se bulevares, parques lineares e toda forma de caminhar que seja possível e agradável pela cidade.

Do ponto de vista conceitual, a caminhabilidade é uma qualidade do lugar. O caminho que permite ao pedestre uma boa acessibilidade às diferentes partes da cidade (...). Caminhabilidade deve proporcionar uma motivação para induzir mais pessoas a adotar o caminhar como forma de deslocamento efetiva, restabelecendo suas relações interdependentes com as ruas e os bairros. E para tanto, deve comprometer recursos visando a reestruturação da infraestrutura física (passeios adequados e atrativos ao pedestre) e social, tão necessárias à vida humana e à ecologia das comunidades (GUIDINI, 2010).

Quanto à transformação de áreas antes “inúteis” corresponde a aquelas áreas que têm potencialidade paisagística, mas que ainda não estão integradas ambiental e socialmente, ou seja, o uso que é dado a espaços da cidade que, por algum motivo, se encontram ociosos, esquecidos, abandonados ou com falta de investimentos. Essa falta de uso pode levar à marginalidade do espaço e, por conta disso, ao aumento da insegurança local. Sendo assim, é de importância primordial, visualizar essas áreas potenciais e investir para que seja dada uma função adequada e, dessa forma, trazer benefícios para a população.

Quanto aos dois últimos itens, o uso dos espaços livres pela população local e seus anseios em relação aos ELPs e participação popular nas decisões urbano-paisagísticas,

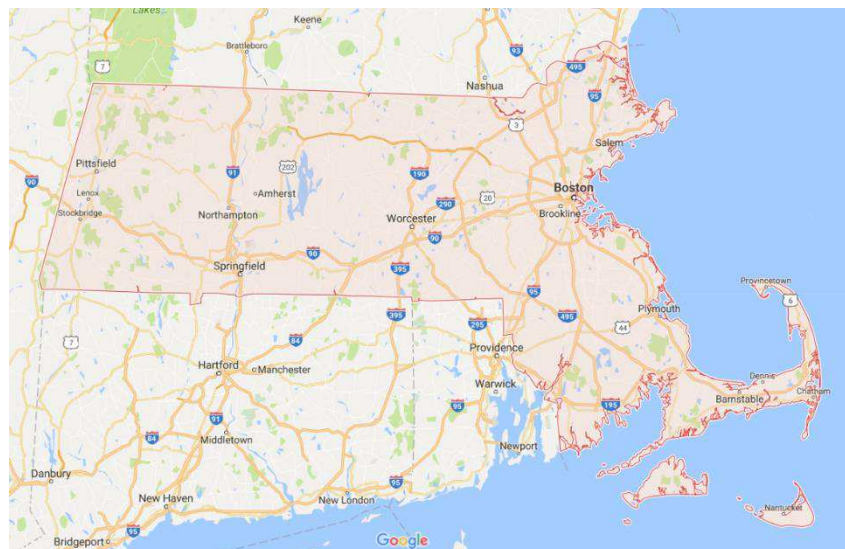
se enquadram na participação dos moradores no planejamento dos ELPs, – é preciso que sejam atendidas as necessidades das pessoas na área que irão utilizar. A criação de um espaço livre público que tenha como foco atividades que se encaixam com a rotina, anseios, necessidade, cultura e bem-estar daqueles que habitam esse espaço, pode favorecer a apropriação deles.

#### 4. A CIDADE DE BOSTON E SEUS ASPECTOS PAISAGÍSTICOS

Para se falar dos aspectos paisagísticos de Boston é antes de tudo importante apresentar aspectos da cidade dos Estados Unidos e sua importância para o paisagismo mundial e para compreender a essência do conceito Sistema de Espaços Livres, que surgiu inicialmente nesta cidade por obra de Frederick Law Olmsted. Não há como estudar sistema de espaços livres sem considerar o projeto Emerald Necklace, da cidade de Boston

Boston é a segunda maior cidade dos Estados Unidos em termos de área terrestre após São Francisco e é a capital do estado de Massachusetts, localizada ao leste do estado. A cidade ocupa uma área de 232,1 km<sup>2</sup> e possui 669.469<sup>1</sup> habitantes. Fundada em 1630 é também uma das cidades mais antigas do país (BPDA, 2015).

Figura 2 – Localização de Boston em Massachusetts. Fonte: Google Maps 2017.



<sup>1</sup> FONTE: U.S. Census Bureau, 1900-2010 Decennial Census, 2015 1-year American Community Survey, BPDA Research Division Analysis

Da sua fundação até hoje, a cidade expandiu sua área, seja por anexação de territórios ou por aterros no litoral. Boston era inicialmente uma península envolvida pelo encontro do rio Charles com o Oceano Atlântico e a região pantanosa conhecida como Back Bay era inundada periodicamente pela maré alta. Foi construída uma barragem para instalação de moinhos. No entanto, a alteração do regime hidrológico transformou o pântano em uma área suja e de intenso mal cheiro. Para eliminar o risco de saúde pública e ainda acomodar a crescente população, decidiu-se pelo aterro de parte da área (SPIRN, 1995). Então, a cidade aumentou sua área em três vezes através de cortes e aterros (BONZI, 2014).

Boston tem alta densidade demográfica, apresentou um ápice populacional na década de 50. Após essa década sofreu uma queda devido ao êxodo para o subúrbio, cenário muito comum nas cidades americanas desse período. A população voltou a crescer na década de 80, por conseguinte, atualmente é formada por jovens, a grande maioria dos habitantes tem entre 15 e 29 anos. Além disso, a cidade possui, anualmente, uma quantidade alta de imigração; Boston perde cerca de 5,1 mil pessoas para o subúrbio. Mas essa imigração é fator decisivo para a manutenção da população local, já que há um recebimento de quase 6 mil pessoas de diferentes países todos os anos. A projeção de crescimento da população indica que Boston abrigará 723.500 habitantes até 2030<sup>2</sup>, aumentando as parcelas mais velhas da população. (BPDA, 2015).

Figura 3 – População de Boston entre 1900 e 2015. Fonte: BPDA Research Division Analysis, 2015.

---

<sup>2</sup> Dados fornecidos pelo projeto Imagine Boston 2030 que pode ser acessado no site <https://imagine.boston.gov/>.



### Boston's Population (1900-2015)

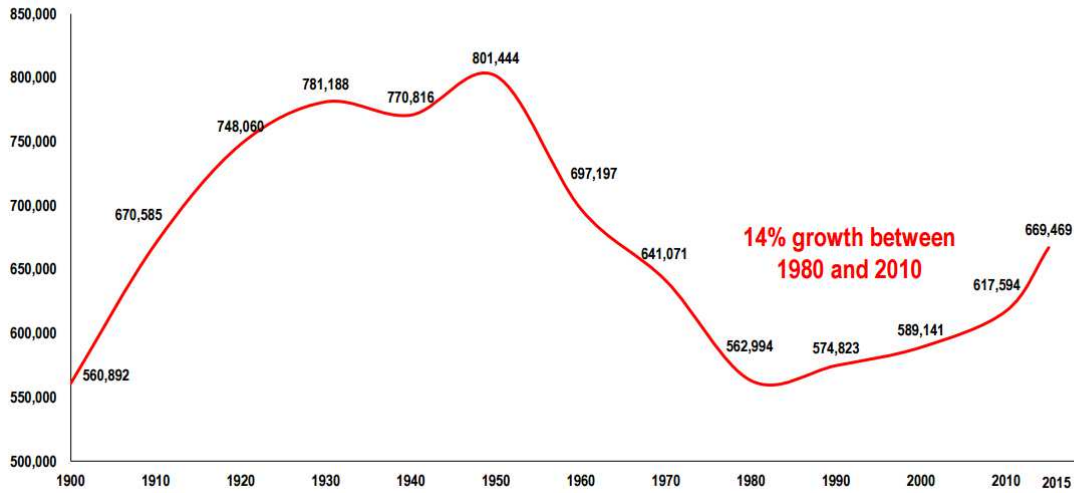
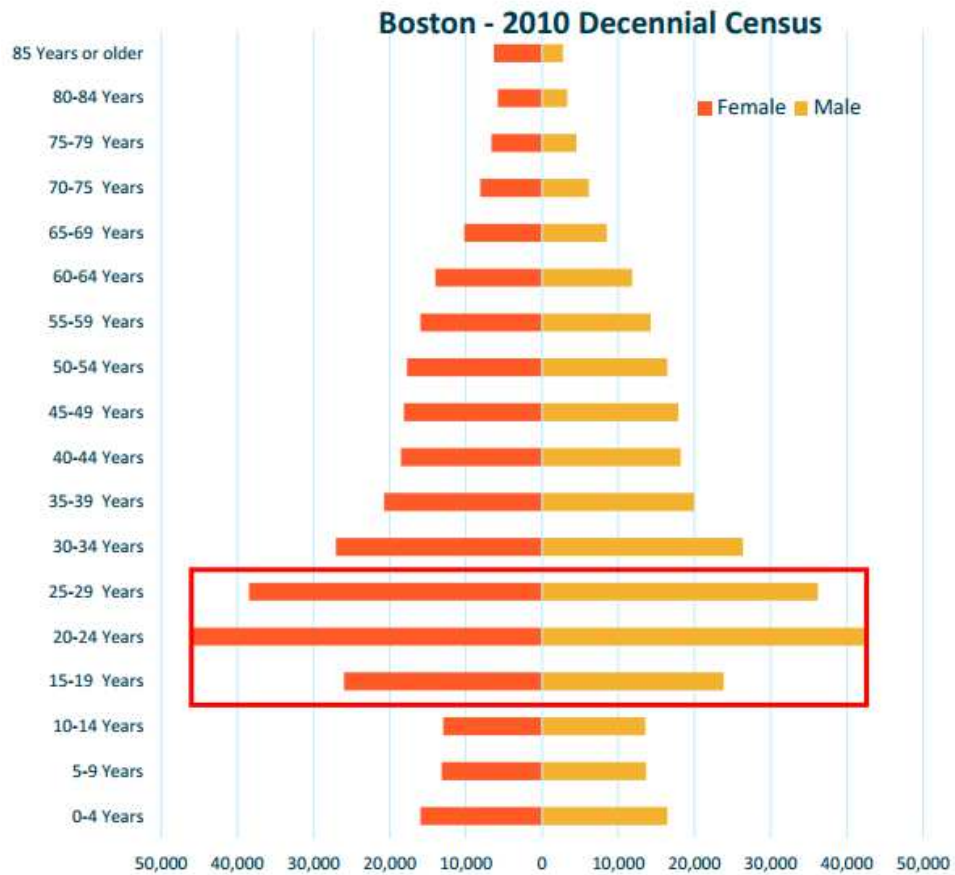


Figura 4 – Porcentagem de habitantes por gênero e faixa etária em 2010. Fonte: BPDA Research Division Analysis, 2015.

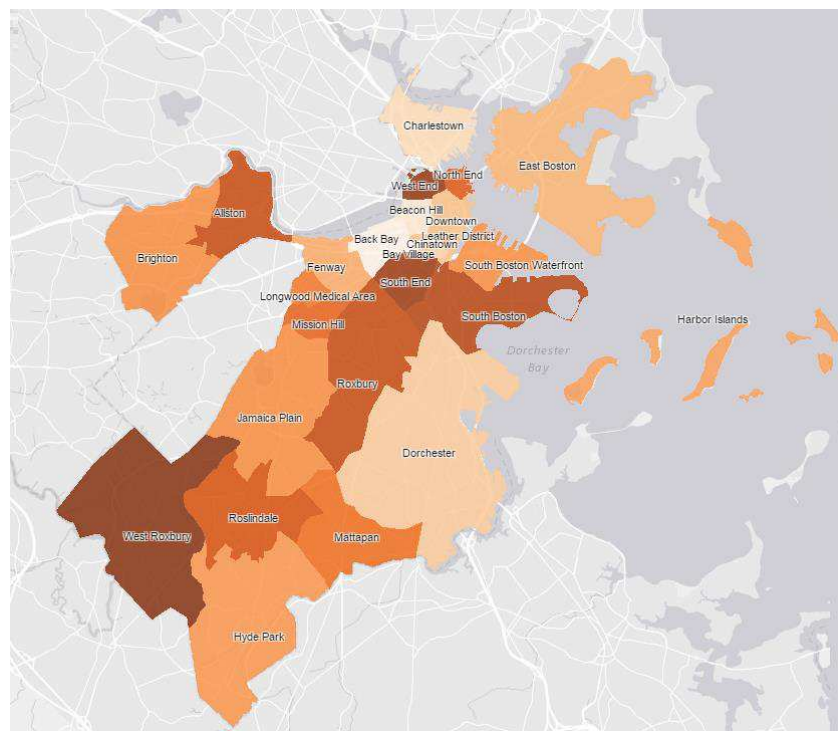


Boston era uma península desprovida de árvores e a única vegetação que existia era a flora típica de maré e de áreas pantanosas, assim como alguns arbustos. A cidade, por

conta disso, sofria de um déficit de madeira para combustível. As primeiras árvores foram plantadas como alameda de sombreamento e vieram do leste da china, de outras áreas dos Estados Unidos, da Europa, da Ásia, ou seja, a paisagem de Boston foi construída pela própria ação humana. Com isso, grandes e bucólicos parques foram construídos (SPIRN, 1995).

Atualmente é composta pelos seguintes bairros: Allston, Back Bay, Bay Village, Beacon Hill, Brighton, Charlestown, Chinatown, Dorchester, Downtown, East Boston, Fenway, Harbor Islands, Hyde Park, Jamaica Plain, Leather District, Longwood, Mattapan, Mission Hill, North End (BPDA, 2015).

Figura 5 – Bairros de Boston. Fonte: BPDA, 2015.



#### 4.1 BOSTON COMMON

The Common é o parque mais antigo dos Estados Unidos, criado em 1634; se

encontra na cidade de Boston e foi construído após quatro anos da fundação da mesma. Era comum os militares adquirirem terras para propósitos comuns, especialmente para criação de gado. Assim, para atividades militares e até mesmo abrigar mortos de batalhas, surge o Boston Common, com 50 acres de terra, que possuía, na época, poucas árvores, terreno acidentado e pequenas lagoas (PRESSLEY, 2017).

Em 1830, com a criação de novas residências e a chegada de novos trabalhadores à cidade, o Common deixou de ser pasto e passou a ter características de parque, onde foi cercado por uma elegante grade de ferro. Posteriormente, foi votado que “no common marish and pastur Ground shall hereafter by gifts os sayle, exchange or otherwise, be counted unto property without consent of ye major part of ye inhabitants of ye towne”, ou seja, que não seria permitido que nenhuma terra comum fosse doada, vendida, trocada ou outro sem o consentimento do prefeito e da maioria dos habitantes da cidade. Esse acordo protege o Common até hoje de ser vendido por completo ou parcialmente (Friends of the Public Garden, 2005).

No final do século 19, o Common passou a ter uma forma mais característica de parque, que se conserva até hoje. A partir daí Herace Gray, filantropo, solicitou o primeiro jardim botânico do país – o Boston’s Public Garden e com sucesso, o projeto durou de 1859 a 1860. Este parque possui caráter de um people’s park (parque para pessoas), localizado no coração da cidade, ao lado do Common. Até hoje o Jardim Público preserva características vitorianas e os visitantes podem sentir como “uma volta no tempo”. O Park Department é responsável pelo plantio e respeitam as tradições botânicas e plantio sazonal de flores (PRESSLEY, 2017).

Após o aterro sanitário finalizado na área do Back Bay (atualmente um dos bairros mais ricos da cidade) foi construído The Commonwealth Avenue Mall que é constituída de 32 acres projetados estilo bulevar francês por Arthur Gilman, em 1856. O Mall cruza o bairro do Back Bay e é uma importante conexão verde entre o Boston Common e o Public Garden com o sistema de parques de Frederick Law Olmsted (City of Boston, 2017).

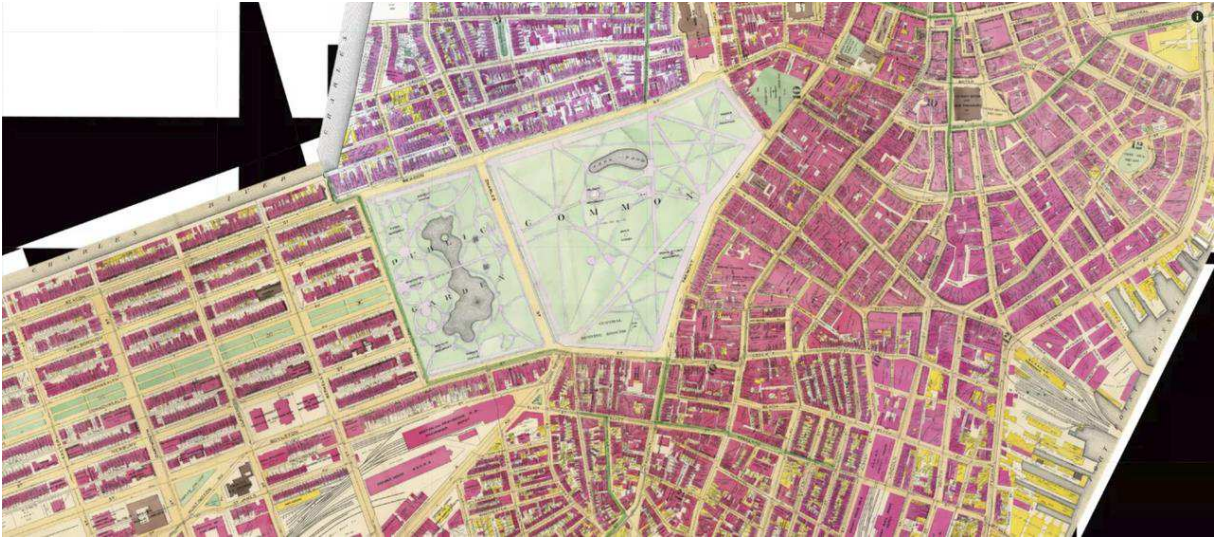


Figura 6 – Mapa de 1970 do Boston Common, o Public Garden e o Commonwealth Avenue Mall – Fonte: BPDA.

Os três primeiros parques públicos de Boston, o Boston Common, o Public Garden e o Commonwealth Avenue Mall, são preservados pelo Friends of the Public Garden and Common, um grupo de defesa dos cidadãos sem fins lucrativos formado em 1970, em colaboração com o Prefeito e o Departamento de Parques da Cidade de Boston. O número de “amigos” ultrapassa 2500 membros, além de diversos voluntários, que também produziram uma literatura detalhando a história do parque. Estes icônicos espaços verdes localizados no coração de Boston ajudam a definir a cidade e atrair milhões de visitantes locais, nacionais e internacionais todos os anos, com atrações como o passeio de Swan Boat (barcos de cisne), no verão, ou patinação no gelo no Frog Pond, no inverno, além de esportes, celebrações, apresentações e protestos, ou simplesmente um respiro do ambiente urbano em meio a uma grande beleza natural (Friends of Public Garden, 2017).



Figura 7 – À esquerda, passeio de Swan Boat no Public Garden. Fonte: Letícia Desterro, 2017 e à direita, Frog Pond no verão. No inverno o Frog Pond congela e vira pista de patinação. Fonte: Adriana Mendonça, 2017.



Figura 8 – Totem na entrada principal do parque. “The Common: an Historic overview”. Fonte: Letícia Desterro, 2017.

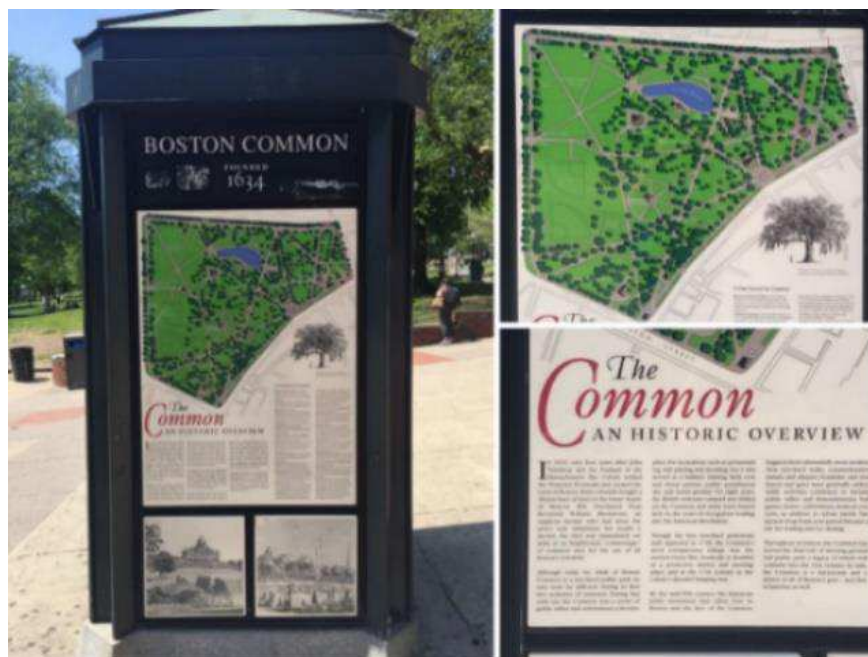


Figura 9 – À esquerda, caminhos arborizados no The Common. E à direita Commonwealth Avenue Mall –  
 Fonte: Adriana Mendonça e Leticia Desterro, 2017.



#### 4.2 THE EMERALD NECKLACE, O COLAR DE ESMERALDAS.

O projeto Emerald Necklace, da cidade de Boston, é um sistema de espaços livres que abrange 1200 hectares – 12 km<sup>2</sup> e conta com 6 parques no total todos interligados e caminháveis entre si, totalizando 7 milhas a pé – 11km, todos sendo no mínimo contemplativo e servindo de fuga dos grandes tumultos da cidade e do dia a dia (Emerald Necklace Conservancy, 2017). Entre os parques, existem bulevares que unem um ao outro e é essa a característica que o mantém completamente acessível a pé. Além disso, houve uma integralização de espaços livres (vegetados, cursos e reservatórios de água e etc.) já existentes na cidade de Boston. A imagem abaixo ilustra essa conexão.

Projetado por Frederick Law Olmsted, pai da arquitetura paisagística americana (projetado de 1872 a 1892 e construído em 1895); é composto por um sistema de 6 parques em ordem linear: Back Bay Fens (1878), The Riverway (1892), Olmsted Park (1892), Jamaica Pond (1892), Arnold Arboretum (1872) e Franklin Park (1881). Cada parque que o constitui é uma joia do Colar de Esmeraldas, funcionando como um “quintal” para os residentes de Boston e existe uma grande variedade de experiências que podem ser vivenciadas, desde contemplação a atividades recreativas, nisso incluindo até um zoológico. Esses parques são administrados pelo Emerald Necklace Conservancy, um grupo de defesa de cidadãos sem fins lucrativos cuja missão é proteger, restaurar, manter e promover a paisagem, vias navegáveis e vias como lugares especiais para as pessoas visitarem e apreciarem (PRESSLEY, 2017).

Figura 10 – Mapa dos parques do Emerald Necklace atualmente. Fonte: Emerald Necklace Conservancy, 2017.



Em 1869, uma petição de 40 cidadãos solicitava aos gestores de Boston a criação do parque que deu início ao processo de participação colaborativa, pois foi “seguida de uma ampla discussão pública acerca da localização e de como deveriam ser as novas áreas verdes da cidade” (BPDA, 2015).

O Back Bay Fens (1878) é o mais antigo dos parques que fazem parte do Colar da Esmeralda, foi criado como obra sanitária, sendo uma bacia para acomodar águas fluviais e de maré do maior curso d’água. Além disso tinha intenção de restaurar o pântano à sua condição original. É o parque com mais alteração da sua forma original. O design dos Fens hoje reflete principalmente o trabalho do arquiteto paisagista Arthur Shurtleff. Ele adicionou o Rose Garden, voltou o foco para o Museu de Belas Artes no lado leste do parque e nos deu o estilo de paisagem mais formal popular nas décadas de 1920 e 1930. O cenário romântico do Rose Garden atrai muitos casamentos. The Fenway Victory Gardens representa o último remanescente dos jardins de vitória originais criados em todo o país durante a Segunda Guerra Mundial. Naquela época, as demandas de exportações de alimentos para as forças armadas da nação na Europa e no Pacífico causavam racionamento e escassez para aqueles que estavam de volta aos Estados Unidos. Em resposta, o presidente Roosevelt pediu que os americanos cultivassem mais vegetais. A Cidade de Boston estabeleceu 49 áreas (incluindo o Boston Common e o Public Garden) como "jardins de vitória" para os cidadãos cultivarem legumes e ervas. Hoje esses jardins são um marco histórico de Boston (CITY OF BOSTON, 2017).



Figura 11 – Mapa dos parques do Emerald Necklace atualmente. Fonte: Emerald Necklace Conservancy, 2017.



The Riverway (1892) foi o projeto de um parque linear para transformar o rio que antes era um incômodo público em algo com resultados positivos para a comunidade. Foi acrescida uma paisagem arborizada, não sobrando praticamente nada da área original. O Riverway fornece alívio panorâmico para viajantes a pé, em bicicletas e nas estradas. Quando você anda ao longo do rio Muddy, é fácil confundi-lo com um remanescente natural da paisagem da Nova Inglaterra. Sob direção ousada de Olmsted, o rio foi reencaminhado, seus bancos cuidadosamente esculpidos e acrescidos ao parque e foram criadas lagoas onde existia apenas um pântano. Originalmente, Olmsted não foi convidado a projetar um parque para esta área. Ele sugeriu isso à Comissão do Parque como uma continuação das melhorias de saúde pública realizadas por mudanças nos The Fens. Hoje é um parque linear tranquilo, porém ativo, tornando-o um modelo perfeito para o movimento de vias verdes de hoje, que visa recuperar e conectar parcelas de terra para uso como corredores recreativos (City of Boston, 2017).

Figura 12 – The Riverway. Fonte: Cortesia de Marion Pressley, FASLA, Pressley Associates ao Jared Green, 2013.



The Olmsted Park (1892), se comparado com o que foi feito no Fens e no



Riverway, teve mudanças menores. Aqui, Olmsted queria revelar as características naturais e para fazer isso, criou caminhos e padrões de plantio que criariam uma série de vistas dramáticas que revelavam formas, proporções e união das formas de relevo que os antecederam. Originalmente, este parque pretendia ter uma função educacional também. Além disso, pequenas piscinas foram esculpidas para serem usadas como exposições de história natural. O Olmsted Park é o parque com a segunda maior área de floresta histórica do Emerald Necklace (17 hectares de cobertura florestal) e foi projetado com uma cadeia de bosques naturais e três grandes lagoas de água doce: Leverett, Willow e Wards. Babbling Brook é um curso d'água que os conecta (City of Boston, 2017).

Figura 13 – Olmsted Park. Fonte: Letícia Desterro, 2017.



Jamaica Pond (1892) foi o parque que teve menos modificações na paisagem natural da região. Olmsted fez grande uso da vegetação já existente, acrescentando apenas algumas árvores, arbusto e caminhos para enquadrar a lagoa e aumentar o uso do público. Hoje, os cidadãos de Boston se reúnem no Jamaica Pond para concertos, programas infantis, apresentações teatrais, remo, vela, pesca, corrida e ciclismo com vista (City of Boston, 2017).

Figura 14 – Jamaica Pond. Detalhe na primeira imagem do banco famoso do local. Fonte: Adriana Mendonça e Letícia Desterro, 2017.



O Arnold Arboretum foi fundado em 1872 e é o primeiro *Arboretum* público dos Estados Unidos. É praticamente um museu vivo dedicado ao estudo e apreciação de plantas. Possui 281 hectares de terra onde crescem 15 mil árvores, arbustos e vinhas, cada uma delas é documentada cientificamente e disponível para ensino ou pesquisa. A terra é de propriedade da prefeitura de Boston, mas o *Arboretum* é administrado pela Universidade de Harvard. Olmsted foi o designer que definiu o sistema “rodoviário” e o esquema geral de plantio para garantir uma vista natural e harmônica com o resto do Emerald Necklace onde foi incorporado em 1882. É aberto ao público todos os dias de forma gratuita (City of Boston, 2017).

Figura 15 – Imagens do Arnold Arboretum. Fonte: Adriana Mendonça, 2017.



O Franklin Park (1881) é a última “joia” do Colar de Esmeraldas. Quando foi construído, ficava distante do centro mais povoado de Boston. Historicamente, o parque levou vários anos para ser construído e foi considerado tão importante para a saúde física e mental dos moradores que a cidade aumentou o investimento e emprestou US \$ 2 milhões para finalizar a obra. No início foi pensado para ser um “parque do campo” e refletir uma

vida rural, tanto que o parque ainda conta com uma reserva ambiental e uma área para atividades recreativas e esportistas. Hoje é um convidativo espaço aberto em meio a uma cidade de mais de meio milhão de moradores. O parque, incluindo o zoológico e George Robert White Schoolboy Stadium (ginásio), atualmente é de 485 acres (devido à construção do Hospital Lemuel Shattuck na década de 1950) e é administrado pela Franklin Park Coalition (FPC), uma organização sem fins lucrativos dedicada a restaurar e preservar essa "joia" do Emerald Necklace (City of Boston, 2017).

Figura 16 – Franklin Park. À direita, entrada do Franklin Park Zoo, que se localiza no interior do parque. Fonte: Adriana Mendonça, 2017.



Do Boston Common ao Franklin Park, a pessoa experimenta diversos tipos de paisagens, de jardim a antigo pântano de maré, vale de rio, parque linear, lagoas, arboretos, recreativos, contemplativos, comuns, mas o Franklin Park foi coroado o maior e o melhor projeto de Frederick Law Olmsted em Boston, chamado de “Country Park” (Parque do país).

### 4.3 BOSTON E A COMUNIDADE

Em Boston, a participação popular é papel significativo nas decisões sobre a paisagem e desenvolvimento da cidade. A BPDA's Community Planning Department (Departamento de Planejamento Comunitário) é responsável por trabalhar com a comunidade de Boston para a criação de planos a longo prazo que garantam o desenvolvimento de lugares atrativos, seguros, diversos e economicamente prósperos para se viver. É a agência responsável pelo planejamento urbano e desenvolvimento econômico (BPDA, 2015).



A BPDA, antes era chamada de Boston Redevelopment Authority (BRA), porém mudou de nome para retirar a imagem negativa que estava historicamente associada. Imagem essa que surgiu após a realização de demolições e remodelações de uma área da cidade que possuía características de “favela” (slum). Essa área era o bairro do Back Bay, que antigamente era tomado de habitações insalubres e depois de sua reconstrução total passou a ser a área mais nobre da cidade. Dessa forma, a BPDA adotou o novo nome para manter a aparência mais “amigável” e possuir mais participação da população (BPDA, 2015).

Figura 17 – Logo da antiga BRA, agora BPDA. Fonte: BPDA Website.



A BPDA, como o nome já diz, segmenta-se em planning (planejamento) e development (desenvolvimento). Na primeira sendo responsável por decidir investimentos que serão feitos nas regiões de fragilidade e na segunda, foca-se em analisar projetos de iniciativa privada para garantir que eles estejam de acordo com os interesses da cidade e que parte dos projetos seriam destinados para o bem-estar coletivo e público. Essa forma de trabalhar o desenvolvimento da cidade, assegura que sejam destinados grandes recursos para criação e manutenção de ELPs, com capital privado, com o pretexto que os investidores também serão beneficiados pela valorização dos seus empreendimentos sendo ligados diretamente à qualidade dos espaços adjacentes (BPDA, 2015).

Os planejamentos acontecem por meio de reuniões públicas nas comunidades, para que o desenvolvimento de um determinado bairro, por exemplo, seja alinhado à ideia dos profissionais da BPDA com as reais necessidades da área e que se encaixe no zoneamento. Como dito, essa ideia de construção acontece a níveis de bairros (neighborhoods), criando uma visão comunitária para o crescimento futuro e a qualidade de vida dos moradores (BPDA, 2015).

Com o crescimento da cidade por bairros, que levou à criação de diferentes zoneamentos para tais, houve uma grande divergência de permissões entre os distritos, ou seja, usos que são permitidos em alguns, não são permitidos em outros. Por conta disso, o zoneamento começou a se mostrar ultrapassado e atualmente passa por um processo de

reestruturação. Outro fator que implica bastante na questão do zoneamento é a crescente busca por habitação e serviço, por ser uma cidade de grande densidade demográfica (expectativa que a população ultrapasse 700 mil habitantes até 2030)<sup>3</sup>, leva a uma necessidade de mais área construída. Bairros como o South Boston, que é um bairro construído com casas tradicionalmente para abrigar uma, duas ou três famílias (one-, two-, and three-family neighborhoods), recebeu uma proposta de plano de zoneamento temporário com a ideia de demolir essas casas para dar espaço a edifícios com cinco a dez unidades habitacionais, porém, não é aceito facilmente pelos moradores conservadores. Para isso, a prefeitura apresenta um trabalho de participação popular (visto que é um ato comum, e histórico, na cultura dessa metrópole), onde cria-se um “conselho” que ouve as necessidades da comunidade local, além de pedidos de permissões de uso condicional. Porém, quando uma casa é colocada à venda, a vizinhança deseja que o uso seja preservado para que o bairro não perca sua “essência” familiar, entretanto o proprietário tem dificuldades de manter o uso, uma vez que custa valores muito altos, algumas vezes até mais do que um cidadão comum pode pagar. A alternativa é vender o lote para empresas e então estas levarem seus projetos para serem aceitos na prefeitura, buscando receber “alívio” do zoneamento e então, explorar o máximo do potencial construtivo do lote. Mas, na política de Boston, os vereadores têm o dever e o interesse de atender os desejos da população naquele bairro, pois a eleição acontece por bairro (cada bairro tem um vereador incumbido para representá-los), assim sendo, surge um grande conflito de interesse político e econômico que resulta no travamento do desenvolvimento da região (BPDA, 2015).

Um instrumento de grande valor para a manutenção dos ELPs é o capítulo 91 da lei geral de Massachusetts: Ato de Orlas Públicas de Massachusetts (Massachusetts General Law Chapter 91: The Massachusetts Public Waterfront Act) que se mostra como uma ferramenta de proteção ao uso público de vias navegáveis que regula as atividades nessas vias, como construção, drenagem e enchimento de áreas de vazão de marés, lagos, rios, dessa forma preservando o direito da população sobre elas. De forma direta, age com a preservação do acesso de pedestres nas áreas costeiras, salvaguardando o acesso à água; protege e reconhece as áreas de vazão da água como espaços para comércio, já que a proximidade com essa área é vantajosa; protege áreas de preocupação ambiental crítica e ecologicamente sensíveis; protege o direito dos proprietários de terrenos que se aproximam

---

<sup>3</sup> Dados fornecidos pelo projeto Imagine Boston 2030

a água; incentiva o desenvolvimento de planos de porto conciliando com interesses locais e a remoção de estruturas de riscos. É visível que existe um encorajamento para uso adequado da beira-mar com projetos que dependam da água e para os projetos que não dependem da mesma, precisam oferecer maiores benefícios para a população. Exemplos: direito a caminhada na área costeira, passarela para pedestres à beira-mar, companhias para botes, desembarque de barcos públicos, criação de parques, cais de pescas, rampas para barcos, programações públicas, dentre outros (BPDA, 2015).

Outra ferramenta importante do zoneamento de Boston é o Article 80 (Artigo 80) que dispõe de diretrizes claras para o processo de revisão de projetos que dificilmente se enquadram no zoneamento existente e pedem um processo de revisão. Pode ser projeto grande ou pequeno, em áreas planejadas ou não, podem incluir revisão de impacto de projeto no transporte, domínio público, recursos históricos, dentre outros. O foco do artigo 80 é a criação um Plano Diretor Institucional (Institutional Master Plan – IMP) para as grandes instituições, sobretudo pelo fato de Boston possuir renomados estabelecimentos de ensino e de saúde. O IMP é um plano abrangente que visa o menor impacto nas comunidades vizinhas, de forma planejada e transparente. Possui metas para longo prazo aos projetos propostos, devem identificar potenciais impactos nas comunidades vizinhas e descrever benefícios comunitários propostos. Costuma passar por atualização a cada 10 anos, mas deve ser atualizada sempre que for adicionado ou alterado algum projeto acima do limite (BPDA, 2015).

As equipes de planejadores da BPDA são encarregadas do processo de elaboração de reuniões públicas destinadas a programação de planos para o crescimento e melhoramento da área, pertinente também aos interesses de grandes empresas, garantindo dessa forma que o que é proposto se encaixe na expectativa dos habitantes e do zoneamento.

Após toda essa explanação sobre a cidade de Boston, pode-se obter respostas sobre os parâmetros de comparação paisagística.

Visadas estéticas e agradáveis para contemplação:

Toda a cidade de Boston, como pode ser visto em tudo que foi apresentado, foi reorganizado e otimizado buscando assim a criação de visadas agradáveis e harmônicas para contemplação, prova disso são alguns parques do Emerald Necklace que possuem isso como característica principal, como exemplo temos o Olmsted Park, Jamaica Pond e Public Garden. Apesar desses três disporem de contemplação como principal características, os demais parques da cidade também conservam visadas estéticas como ferramenta de

apreciação pela população, dentre os seus diversos usos.

Caminhabilidade na cidade e transformação de áreas antes ‘inúteis’:

O Emerald Necklace, por ser uma sequência de parques interligados entre si, dispõe de um perfil caminhável, onde a pessoa pode ir e vir da cidade utilizando como caminho o Emerald Necklace, dado que andar em um caminho verde é obviamente mais agradável que em meio a calçadas na beira de ruas asfaltadas. E para a criação desse sistema de espaços livres que percorre a cidade de Boston, foi fundamental que diversos espaços ociosos, baldios e infrutíferos pela capital recebessem alterações para que fossem acrescidos ao projeto, ou seja, áreas que antes estavam caindo na marginalidade mesmo estando em meio a regiões bastante populosas foram transformadas em áreas úteis.

Uso dos espaços livres pela população local e seus anseios em relação aos ELPs:

A vida dos cidadãos de um local é influenciada por vários aspectos, um deles é a presença de parques e espaços livres públicos. Boston possui um complexo sistema de parques, playgrounds, praias, um zoológico, área de conservação, jardins comunitários, ilhas e ambientes em bairros – terrenos baldios, habitações, agências públicas e privadas, cemitérios, espaços abertos institucionais, escolas, ruas e calçadas. Os espaços livres públicos são as principais formas de recreação e relaxamento para os residentes de Boston, principalmente para aqueles que vivem em situação de superlotação e sem áreas abertas como quintal (The Boston Foundation, 1987). E a relação histórica com as áreas verdes – por possuir o mais antigo parque dos EUA e um complexo sistema de parques – faz a tradição com os ELPs ser mais fortes e marcantes na vida dos habitantes.

E a participação popular nas decisões urbano-paisagísticas:

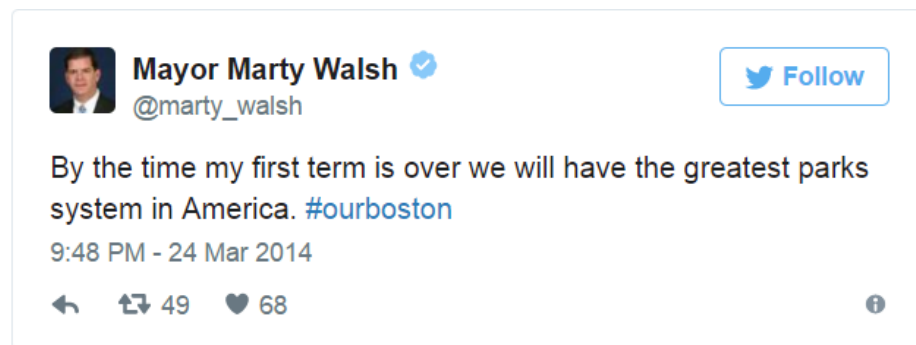
Por conta da importância da ELPs na tradição da vida dos bostonianos e mesmo considerando um sucesso dos ELPs de Boston, a atual gestão da cidade (prefeito Marty Walsh)<sup>4</sup> investe na melhoria e desenvolvimento do sistema de parques. Possui como objetivo a implementação de ELPs líderes em design e qualidade em todos os bairros. Mesmo assim, a população local mantém sempre em pauta a necessidade de melhorias e, algumas vezes, até criação de novos parques e áreas verdes em seus bairros. Um dos maiores motivos dos moradores entenderem a importância dos ELPs nos seus bairros se dá pela tradição e costume, visto que se uma pessoa cresceu brincando no parque do seu bairro e convivendo com seus vizinhos nas áreas livres, ela entende a importância disso na qualidade de vida e na influência da sua criação, conseqüentemente ela deseja isso para

---

<sup>4</sup> Atual prefeito – ano 2017

seus filhos, netos, sobrinhos etc. Existe o esforço social pelo bem comum e o retorno é completamente visível por todos, por isso parece tão simples manter a cultura de cuidar do bem público e lutar por melhorias para o mesmo. Essa valorização é determinante para o sucesso dessas áreas na cidade (The Boston Foundation, 1987).

Figura 18 – Prefeito Marty Walsh na rede social Twitter: “Até o fim do meu primeiro turno nós [cidadãos de Boston] teremos o melhor sistema de parques da América”. Fonte: [oslindaleplaygrounds.org/vision/](http://oslindaleplaygrounds.org/vision/). 2017.



A título de exemplo no bairro de Roslindale existe um parque chamado Fellon Field que passou por uma ampliação e elaboração de um playground moderno e interativo. A inauguração oficial foi no dia 16 de maio de 2017 com a presença do prefeito em um evento, Coffee Hour no parque, para toda a comunidade, que aproveitou para reivindicar causas como Community Choice Energy, que pede energia limpa para todas as residências.

Figura 19 – Antes (pequeno) e depois do playground de Fellon Field. Fonte: Roslindale playgrounds, 2013.





Figura 20– Desenho técnico do maior escorregador em playground de Boston, em Fellon Field. Fonte: Roslindale playgrounds, 2013.

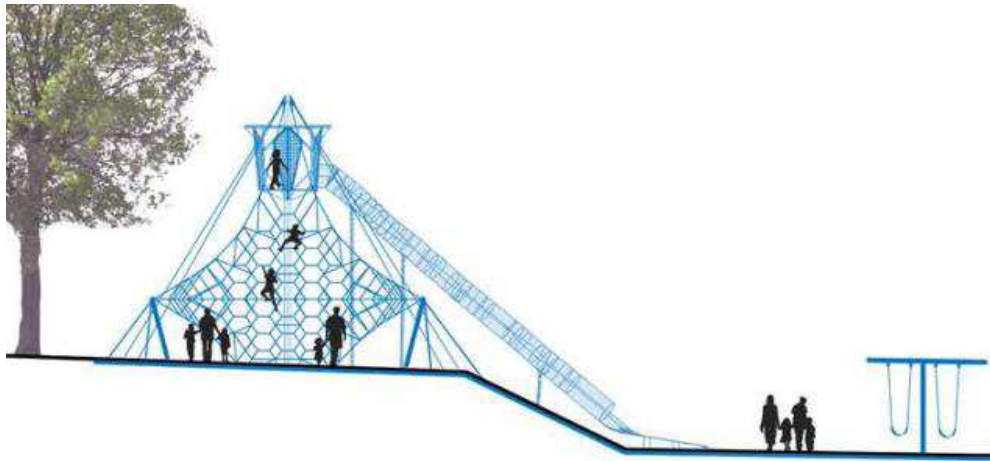
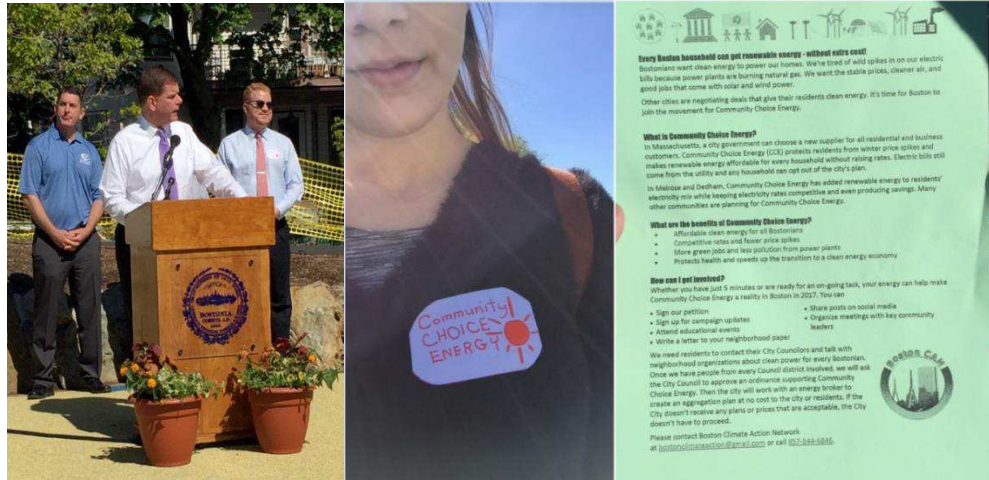


Figura 21 – Maior escorregador em playground de Boston, em Fellon Field. Fonte: Adriana Mendonça, 2017.



Figura 22 – À esquerda, Prefeito Walsh no evento de abertura da praça. Ao centro e à direita, Community Choice Energy pede por energia limpa para residências de Boston. Fonte: Letícia Desterro, 2017.



Assim, pode-se perceber o empenho que a população de Boston tem para a melhoria dos ELPs e isso se dá principalmente pelo fato de todos fazerem uso desses espaços e leva as pessoas a irem em busca de seus anseios e suas necessidades. Centros comunitários costumam possuir trabalhos para melhorias desses espaços ou ir no governo solicitar construção/manutenção de parques.

## 5 A CIDADE DE SÃO LUÍS E SEUS ASPECTOS PAISAGÍSTICOS

São Luís, capital do estado do Maranhão, fica localizada na ilha de mesmo nome. O município de São Luís, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, abrange em área territorial 834,785km<sup>2</sup> (IBGE, 2016)<sup>5</sup>, ocupando 57% da ilha, com uma população<sup>6</sup> de 1.091.868 residentes e com densidade de 19,81 hab./km<sup>2</sup>. Quase a totalidade da população vive na área urbana e é representada na sua grande maioria por jovens. Possui 112 bairros na região semi urbana e 122 povoados na zona rural, conforme registros da Fundação Nacional de Saúde em 1996. O clima de São Luís é tropical chuvoso, possuindo duas épocas do ano bem definidas, a primeira sendo uma estação seca, costuma ser entre julho a dezembro e a segunda sendo uma estação chuvosa, no período janeiro a

<sup>5</sup> Este dado não pode ser tomado como fixo, visto que não leva em conta a dinâmica de ganho e perda de superfície decorrentes de processos naturais e antrópicos.

<sup>6</sup> IBGE: Censo de 2017

junho. Apresenta temperaturas elevadas o ano todo com pequenas amplitudes (Prefeitura de São Luís, 2006).

O município possui como limites, ao Norte: Oceano Atlântico, ao Sul: os municípios de Rosário e Bacabeira, a Oeste: os municípios de Cajapió e de Alcântara e a Leste o município de São José de Ribamar. Grande parte dos solos de São Luís ainda não teve urbanização e está ocupado apenas por vegetação frutífera perene. Conta com uma grande quantidade de cursos d'água de pequeno volume que desembocam na maré, em áreas cobertas de mangue. As principais bacias hidrográficas locais contam com os rios: Bacanga, Anil, Tibiri, Paciência e Cururuca. O rio Itapecuru, mesmo estando situado em Rosário, fora da Ilha, é o maior da região para aproveitamento como manancial de abastecimento (Prefeitura de São Luís, 2006).

Figura 23 – Localização geográfica e limites dos municípios da Ilha de São Luís. Fonte: Prefeitura de São Luís, 2006.



A confluência do rio Anil com Bacanga teve influência na construção da cidade, as partes mais altas e secas eram destinadas aos nobres e as partes mais baixas, sujeitas às marés, foram relegadas àqueles socialmente excluídos, em moradias precárias como palafitas. Esse padrão se mantém até hoje. A crise econômica que houve no meio norte brasileiro após o ciclo de riqueza estagnou e protegeu as áreas nobres da cidade, uma vez

que, apesar dos imóveis serem abandonados, não havia recursos para demoli-los e construir novas edificações ou avenidas, etc. A expansão da cidade veio e com ela a demanda de mais moradias. Surgem avenidas modernas para conectar as periferias especializadas e duas pontes foram construídas, ligando o centro às outras margens do Anil e Bacanga. A expansão de São Luís se deu na direção sul/sudoeste em direção ao Porto do Itaqui e na direção norte/nordeste na direção das praias. A Alumar e a Vale, ligadas à exploração mineral, trouxeram consigo as superestruturas: energética, ferroviária, portuária e de abastecimento de água; essas empresas ficaram localizadas no extremo oeste sul da ilha. Os bairros residenciais e comerciais mais sofisticados fizeram parte da cidade nova, se desenvolvendo junto à Lagoa da Jansen e às praias e suas orlas (SAKATA, 2004).

Dois programas públicos para os espaços urbanos são destacados: a revitalização do centro histórico e o programa Viva Bairro. Ambos vieram para melhoria de espaços públicos de grande significado para os moradores e melhoraram suas condições de uso. A revitalização do Centro Histórico é um conjunto de ações que vêm sendo desenvolvidas desde 1980 que incluem desde revitalizações pontuais de edifícios a reforma de quarteirões inteiros. E o Viva Bairros, como o nome já diz, trouxe uma série de espaços públicos para o lazer em diversos bairros da cidade, centrais e periféricos, elegantes e populares. A ideia era adequar ou incrementar os espaços livres, principalmente para festejos populares e para lazer cotidianos, valorizando assim, a identidade dos bairros. O uso dessas áreas para festejos populares, que já existia antes mesmo de haver espaço público valorizado para tal, deu um grande sentido às obras. Esses programas foram projetados por arquitetos e engenheiros locais e apoiados por políticas responsáveis (SAKATA, 2004).

Os programas apresentados para a cidade tiveram condução pelo governo do Estado, sem qualquer participação da administração municipal. O governo estadual implantou um grande número de praças, parques de pequeno porte, um aterro junto ao centro, calçadões à beira-água, avenidas, pontes e guiou o processo de renovação do centro histórico. A prefeitura por sua vez, apenas reformou praças antigas e implantou algumas novas com projetos simples e fazia manutenção do que convinha. Essa divergência se deu principalmente pela assimetria entre os recursos financeiros estatais e municipais (SAKATA, 2004).

Além dos Vivas-Bairros, foram inauguradas avenidas como a Litorânea e a do Jaracati, a urbanização das orlas, o Parque do Maracanã (onde acontece a festa da Juçara), o parque do Folclore e o parque da Lagoa da Jansen. A gestão conduzia o “Bairro Legal”, um programa de urbanização que trazia melhoria de acessos para pedestres, execução de

infraestruturas e etc. A Gerência Metropolitana teve papel primordial, pois era um órgão que funcionava de certa forma como uma prefeitura paralela, cuidando das obras e trazendo ações de requalificações das praças nos bairros, dos calçamentos e das demais coisas no âmbito dos programas Bairro Legal e Viva Bairro nos anos de 1990. O Viva Bairro se destacava não por ser uma simples requalificação dos espaços, mas por ser uma ação de valorização das tradições culturais que se davam nessas áreas (SAKATA, 2004).

Somente a partir de 2000 que a administração municipal começa as intervenções paisagísticas de maior visibilidade. A prefeitura contrata a arquiteta paisagística Rosa Kliass, que desenvolve um plano para a paisagem e cria um órgão específico para tratar dos assuntos relativos à paisagem urbana, o IMPUR – Instituto da Paisagem Urbana. O Plano da Paisagem Urbana do Município de São Luís foi entregue em 2003 e tinha como principais recomendações para o desenvolvimento: “planos setoriais que estabeleçam diretrizes para a ocupação de cada zona paisagística (revendo-se os padrões vigentes); a elaboração de um plano específico para um sistema de áreas verdes do município, a ser construído pelas áreas de proteção, vias-parque, largos, praças e parques para garantir a preservação do potencial paisagístico e ambiental ainda disponível; projetos de requalificação para determinados sítios de patrimônio natural ou cultural e projetos paisagísticos do sistema viário.” (SAKATA, 2004 p.100). Esse plano demonstra a importância que o patrimônio paisagístico tem no processo de ocupação. Ampliaram então a ideia de embelezamento urbano para planejamento da paisagem (SAKATA, 2004).

O parque Ecológico da Lagoa da Jansen foi um contraponto do programa Viva Bairro, pois foi uma ação pontual, em uma parte da cidade onde existem moradores de alta renda e não foi projeto por um arquiteto local, implicando em alto custo de implantação e manutenção. Foi construída como uso contemplativo e principalmente, esportivo, e sem total relação com tradições populares. Servia como adequação da paisagem do mangue para uso e consumo de novos empreendimentos imobiliários da região. Atualmente, o complexo da Lagoa passou por reformas e foi acrescentada uma nova praça para uso recreativo, com diversos equipamentos sociais para garantir o lazer, esporte, cultura e interação. Além disso serve como um dos cartões postais da cidade como um famoso ponto turístico (Governo do Estado do Maranhão, 2017).

Não apenas os ludovicenses, mas todos os maranhenses e turistas que visitam a capital se beneficiam dessa nova praça, que foi construída especialmente para as que as crianças possam aproveitar melhor esse espaço público, diz o secretário de infraestrutura Clayton Noleto (Governo do Estado do Maranhão, 2017).



A praça foi construída pela Secretaria de Estado da Infraestrutura (Sinfra), para atender pessoas de diferentes idades e demandas, criando um espaço de integração social e transformando o lixão a céu aberto que era foco de doenças num espaço lúdico, educativo e cultural. O parque também possui o playground adaptado para pessoas crianças com deficiência, fazendo do projeto uma proposta de espaço de convivência, socialização e integração social (Atual 7, 2017).

Quem frequentar o local perceberá que a escolha dos equipamentos priorizou o público infantil com a instalação de brinquedos interativos e culturais, que estimulam a criatividade das crianças. Em uma das entradas da praça, por exemplo, o público é presenteado pela natureza com um caminho, de cerca de 100 metros, ladeado de palmeiras. Há ainda um rio de ‘faz de conta’ modelado com piso emborrachado reciclado, e um pequeno lago com barquinho para uso nas brincadeiras das crianças com escorregadores, passarelas, pranchas, cabos e cordas (Atual 7, 2017)

Figura 24 – Imagens da Lagoa da Jansen após a reforma de 2017. Fonte: Atual 7, 2017



Ao lado da reconstrução desses locais observa-se que quando o espaço livre em São Luís alcança certo “sucesso” na sua reconfiguração, se torna um local de interesse tanto para a população quanto para os vendedores ambulantes (Botelho, 2005).

Na oficina QUAPÁ–SEL que aconteceu em São Luís foi organizado um trabalho de análise dos SEL da cidade e foram apresentadas sínteses do que foi descoberto, algumas delas são:

Rangedor e Lagoa da Jansen (responsabilidade do governo estadual): apresentam problemas de gestão destacáveis; o Sítio Santa Eulália: área coletiva passível de ser transformada em parque, valorizando a área de manguezal que sofre pressão em toda área da cidade; App’s em áreas de dunas e restingas – grande pressão no entorno gerado pelo interesse do setor imobiliário; construções muito próximas das dunas causam erosão; App’s várzea, e entorno dos mananciais: problemas de alagamento, diminuição da recarga do aquífero e depósitos de lixo, com a

ocupação urbana de toda área da bacia; os espaços livres remanescentes podem ser pensados para proteger essas áreas e sua importância como corredores de vento, vegetação, fauna; (...) considerado como parque linear toda a área da praia; as principais praças, categorizadas em: passivas (contemplação), as da área central, ativas, por exemplo, as do programa Viva Bairro e as mistas; (...) na área do Calhau, há um número grande de espaços, definidos como praças que não estão urbanizados (USP, 2009).

Ainda na experiência da oficina, é mostrado que é a “urbanização descontinuada da cidade de São Luís, que propicia a ocorrência de vazios urbanos como uma vantagem da cidade e do seu sistema – potencial – de espaços livres.” (USP, 2009). É mostrado também a falta de política pública de gestão, principalmente sobre espaços ambientalmente frágeis como as dunas e os tabuleiros e o descaso com as calçadas, que possuem larguras reduzidas. Concluiu-se, nessa oficina, que a praia é o principal espaço livre, onde já possui um certo uso por todas as camadas sociais pela orla, porém como limitante do uso delas, é a “insegurança pública”, que na verdade se enquadra a vários ELP pela cidade. (USP, 2009).

O prof. Silvio destacou a importância de mobilização dos técnicos – prefeitura e universidade, arquitetos e ambientalistas – para garantir a qualidade do espaço urbano que ainda é possível no caso do município de São Luís. A existência de um estoque considerável de espaços livres e a diversidade dos recursos paisagísticos são elementos fundamentais para a discussão da qualidade urbanística da cidade. Conquistar o espaço livre público para uso de toda a sociedade, como instrumento de maior justiça social (USP, 2009).

A cidade de São Luís, em alguns bairros é beneficiada com suas praças e parques, porém outros, apesar de ter a presença dos mesmos, não os têm em boas condições de uso, o que acaba, na sua maioria, marginalizando a área. A caminhabilidade da cidade, como já mostrada pelo professor Macedo, é prejudicada principalmente pelas calçadas inapropriadas, em diversas situações como a acessibilidade comprometida; larguras inadequadas; obstruídas, quebradas ou irregulares demais para uso e em alguns casos, as calçadas são inexistentes. Além disso, a insegurança também se torna fator importante para a diminuição da caminhabilidade e quanto menos pessoas usam as áreas públicas, menos “olhos da rua” haverão e assim mais propício à insegurança.

Sobre os espaços vazios e espaços verdes que Macedo comenta no resultado do QUAPÁ-SEL em São Luís, pode ser observado no mapa elaborado pelo LAPA com titulação de Estruturas Significantes e Ativas da Paisagem Insular do Norte da Ilha de São Luís, onde as áreas pintadas de verde e as amarelas representam as praças e outros espaços livres públicos; os quadrados pequenos pintados de cinza claro, encontrados por todo o mapa em pequenas áreas, representam espaços livres potenciais/opportunidade projetual e as

linhas brancas são delimitações de bacias hidrográficas.

Figura 25 – Estruturas Significantes e Ativas da Paisagem Insular do Norte da Ilha de São Luís: análise das potencialidades do sistema de espaços livres. Fonte: LAPA, 2015 – Usando como base ©Google Maps.



Assim, confirma-se mais ainda o fato de que a cidade de São Luís apresenta bastantes espaços livres e espaços verdes, sendo essa a sua maior potencialidade, pois dessa forma, pode-se pensar num plano paisagístico utilizando o já existente e podendo fazer uma interligação entre os mesmos, assim como se deu na cidade de Boston.

## 6 ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS ENTRE SÃO LUÍS E BOSTON

A cidade de Boston ocupa uma área de 232,1 km<sup>2</sup> e possui 669.469 habitantes. São Luís, Maranhão, tem mais de 3,5 vezes o tamanho da cidade e tem quase o dobro do número de habitantes. Comparando as duas cidades, Boston se revela uma cidade compacta e muito adensada, com 2.884,39 hab./km<sup>2</sup> (tabela 1), mais que o dobro do número de habitantes por quilômetro quadrado em São Luís.

Figura 26 – Densidade demográfica de Boston, USA e São Luís, BR. Fonte: Letícia Desterro, 2017.

	Boston	São Luís
Área	232,1 km <sup>2</sup>	834,785 km <sup>2</sup>
População	669.469 hab.	1.091.868 hab.



---

Densidade	2.884,39 hab./km <sup>2</sup>	1.215,69 hab./km <sup>2</sup>
-----------	-------------------------------	-------------------------------

---

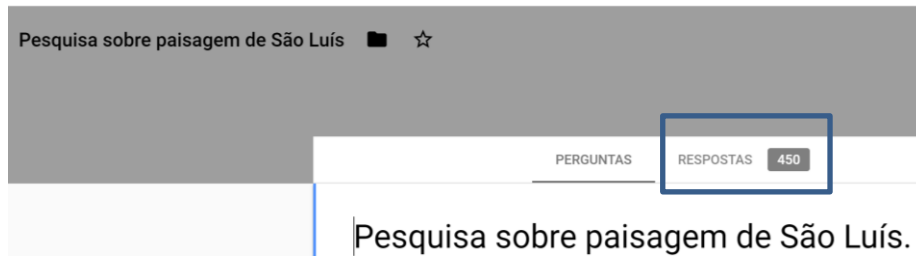
Boston, como foi apresentado, apresenta um modelo de intervenção que priorizava a drenagem e o sistema viário, não havia uma necessidade tão grande de criação de novos espaços livres e áreas verdes públicas. Então, o projeto do Emerald Necklace, com seus 10 km de extensão, é uma grande interligação por parkways e cursos d'água, em um traçado que abraça todos os setores da cidade. Essa conexão se deu aos parques já existentes, como por exemplo o Boston Common, que é o mais antigo, quanto a criação de novos espaços livres públicos e infraestruturas necessárias para atender a essa interligação, confirmando a ideia que a paisagem pode oferecer respostas aos problemas ambientais e sociais que acompanham a industrialização e o crescimento das cidades. O projeto previa cinturões verdes como limitadores do crescimento urbano, demonstrando desde já uma grande preocupação com a conservação e incorporação das áreas verdes às cidades (BONZI, 2014).

Já na cidade de São Luís, para conseguir uma visualização do ponto de vista dos habitantes, foi feita uma pesquisa de opinião com moradores de diferentes bairros, onde foram indagadas questões acerca da paisagem que os mesmos vivenciam. A pesquisa possuía as seguintes perguntas:

1. Você acha que seu bairro possui espaço livre público suficiente para atender as necessidades dos moradores locais?
2. Você frequenta alguma praça ou parque?
3. Se não, por qual motivo você não frequenta?
4. Se sim, a que distância da sua casa está esse espaço livre público?
5. Você acha que sua cidade tem espaços livres públicos suficientes para todos?
6. Você considera que existe disparidade entre espaços livres de qualidade entre bairros nobres e bairros populares?

Com essas perguntas, pretende-se ter uma pequena amostra da forma de pensar dos ludovicenses, o que os leva a frequentar ou não o espaço livre público e assim, refletir em alternativas para a cidade. Foram 450 pessoas que responderam às perguntas.

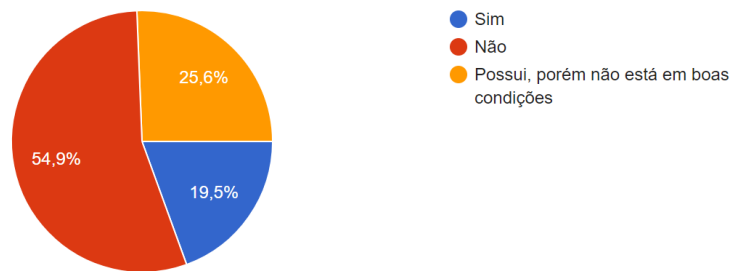
Figura 27 – Captura de tela da página de resposta do formulário do Google intitulado "Pesquisa sobre paisagem de São Luís".



Dessa forma, foi possível chegar aos seguintes resultados:

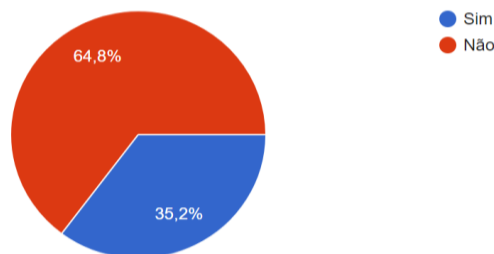
Percentual de presença de espaço livre público no bairro para atender as necessidades dos moradores locais:

Figura 28 – Gráfico espaço livre público suficiente no bairro – "Pesquisa sobre a paisagem de São Luís." – Fonte a partir de Mendonça (2017). "Pesquisa sobre a paisagem de São Luís." – ©Google Forms.



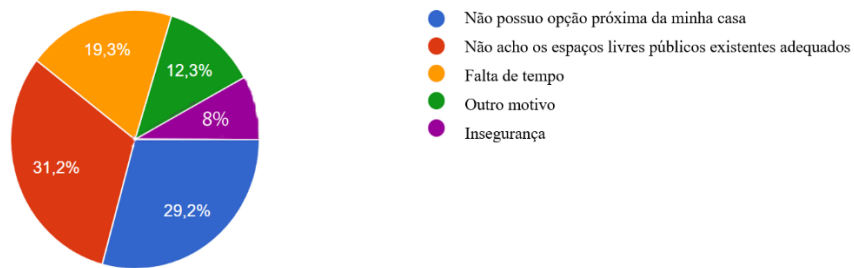
Percentual de possível frequência (sim ou não) dos moradores em alguma praça ou parque:

Figura 29 – Gráfico de respostas para a pergunta "Você frequenta alguma praça ou parque?". Fonte: a partir de Mendonça (2017). "Pesquisa sobre a paisagem de São Luís." – ©Google Forms.



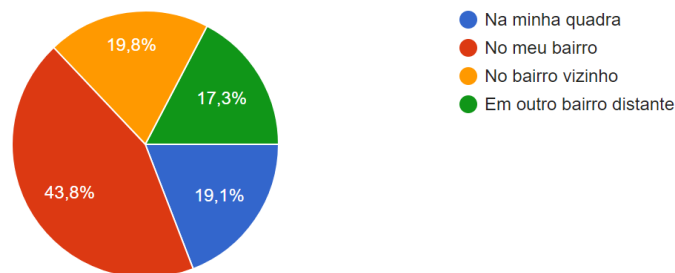
Percentual de motivos que levam as pessoas a não frequentarem os espaços livres públicos na cidade:

Figura 30 – Gráfico de respostas para a pergunta “Se não, por qual motivo você não frequenta?”. Fonte: a partir de Mendonça (2017). "Pesquisa sobre a paisagem de São Luís." – ©Google Forms.



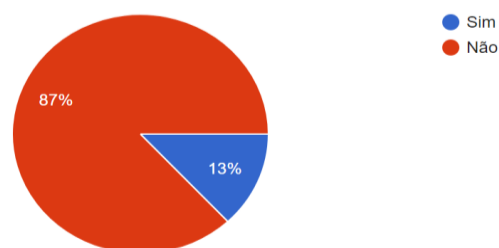
Percentual da distância dos espaços livres públicos para a casa daqueles que frequentam os mesmos:

Figura 31 – Gráfico de respostas para a pergunta “Se sim, que distância da sua casa está esse espaço livre público?”. Fonte: a partir de Mendonça (2017). "Pesquisa sobre a paisagem de São Luís." – ©Google Forms.



Percentual de pessoas que consideram que a cidade de São Luís possui (sim ou não) espaços livres públicos suficientes para todos:

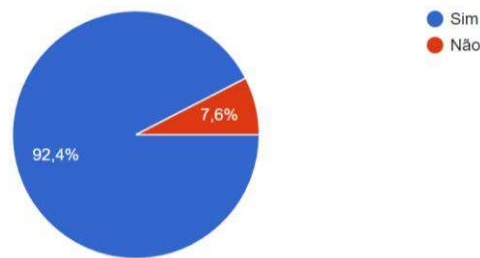
Figura 32 – Gráfico de respostas para a pergunta “Você acha que sua cidade tem espaços livres públicos suficientes para todos?”. Fonte: a partir de Mendonça (2017). "Pesquisa sobre a paisagem de São Luís." © Google Forms.



Percentual de considerações sobre a existência ou não de disparidade entre

espaços livres de qualidade nos bairros nobres e bairros populares:

Figura 33 – Gráfico de respostas para a pergunta “Você considera que existe disparidade entre espaços livres de qualidade entre bairros nobres e bairros populares?”. Fonte: a partir de Mendonça (2017). "Pesquisa sobre a paisagem de São Luís." – © Google Forms.



Dessa pesquisa pode-se concluir que a cidade dispõe de certa quantidade de espaços livres que poderiam ser utilizados, mas não estão em boas condições e isso, conseqüentemente, afasta as pessoas que gostariam de usá-los. Percebe-se também que uma das maiores insatisfações dos habitantes é por não possuir espaços adequados ou pela distância de suas casas, além disso é colocado em pauta a insegurança nos ELPs da cidade, que por não terem um uso contínuo, tornam-se espaços abandonados, ermos e sem vida. De acordo com a pesquisa e com relatos dos ludovicenses, em sua grande maioria, não acham que haja ELP suficientes e da parcela que frequenta, normalmente possui uma ELP próxima ao seu bairro, o que é fator principal para o uso.

Spirn (2000) ensinou que Olmsted utilizou de ideias de outros profissionais. Em Boston houve o debate público que levou a conclusão que a intervenção realizada deveria ser gigantesca e inovadora. Sendo assim, houve um debate público para que houvesse a participação popular na intervenção da cidade.

O projeto Emerald Necklace foi a integração da paisagem com as engenharias hidráulica e sanitária através de:

- reconhecimento do regime das águas e do desenho de lagos e cursos d'água;
- restauração de mangues e cursos de rios.
- instalação de faixas vegetadas ao longo de córregos;
- ligação do centro da cidade ao campo através de parkways;
- criação de cinturões-verdes circundando a cidade;

Esses conceitos e práticas de união de infraestruturas é fruto de um trabalho coletivo, em que os cidadãos responderam as necessidades e apresentaram seus anseios e

planos, em busca de melhorar sua cidade e são válidos até hoje (BONZI, 2014).

Essa grande intervenção pode ser vista com o fim da separação do planejamento urbano e regional e o projeto da paisagem. Trata-se de grandes ganhos para a cidade, unindo o que é apresentado pelas pessoas que ali habitam e sabem das reais potencialidades e fragilidades da área com obras de ganhos de condições indispensáveis (BONZI, 2014)

Ao articular soluções de saneamento, drenagem, sistema viário, recreação, áreas verdes e conservação ambiental, o “colar de esmeraldas” sinaliza para a pertinência de uma abordagem de intervenção na paisagem que seja multifuncional e que tome as necessidades infraestruturas da cidade como meio real de projeto. E sempre que possível, se valendo da capacidade que a própria Natureza, seja ela projetada ou pré-existente, tem de responder a essas demandas. (BONZI, 2014)

Assim, visualiza-se São Luís como uma cidade onde não existe essa correlação ambiental dos ELPs existentes, ao contrário de Boston atualmente.

Em conversa com a população de Boston, percebe-se que as pessoas consideram Boston uma cidade com uma boa caminhabilidade e são satisfeitas em poder ir e vir utilizando caminhos arborizados; são satisfeitos com as “vistas” da cidade, consideram os espaços livres públicos agradáveis e algumas vezes, consideram que determinadas áreas precisam de melhorias para atender de forma mais específica os usuários daquele local, como foi o exemplo do parque em Fellon Field citado no capítulo anterior. Além disso, quando questionado a várias pessoas sobre Boston já possuir um sistema de espaços livres adequado e suficiente para os habitantes, em sua grande maioria a resposta foi que ainda há uma grande necessidade e que existem muitas áreas sem uso nas quais poderiam ser construídos novos espaços públicos. Na BPDA foi apresentado que pelas estatísticas da cidade, um habitante precisa caminhar apenas 10 minutos para que chegue em um espaço livre público, normalmente um parque e mesmo assim, a população diz que 10 minutos é muito tempo e que a cidade tem potencialidade para construção de mais ELPs.

Esse anseio por melhorias e por querer mais espaços livres onde pode-se vivenciar mais a cidade é visto tanto em Boston, quanto em São Luís. Porém a participação da população em decisões da gestão de urbanização é muito mais forte e intensa em Boston. São Luís ainda não apresenta essa participação dos habitantes de forma direta em decisões urbanas, apenas em eleições na escolha de um bom gestor que se espera que foque em questões paisagísticas.

A caminhabilidade de Boston é uma característica tão marcante que uma das formas mais eficazes de conhecer a cidade é a pé, por consequência disso existem vários passeios que podem ser feitos apenas andando pela cidade, um deles e possivelmente o mais famoso é o Freedom trail (pode ser traduzido como caminho da liberdade) onde o turista anda seguindo uma “linha vermelha” construída com tijolinhos vermelhos nas calçadas e ruas de Boston. Esse caminho linear passa por locais importantes da revolução dos Estados Unidos. Nesse caminho o turista pode conhecer diversos locais turísticos como mercados, museus, monumentos e etc. tudo isso a pé. O caminho inicia-se no Boston Common e finaliza no Monumento Bunker Hill.

Figura 34 – Caminho de tijolinho que pode ser visto por toda cidade. Na terceira imagem encontra-se o final do caminho e o Monumento Bunker Hill ao fundo. Fonte: Letícia Destêrro, 2017.



Sendo assim, constata-se que Boston, por apresentar mais espaços livres e mais “verdes”, é uma cidade agradável, onde a pessoa se sente bem em sair de casa e caminhar nos arredores, na qual se pode também apreciar a paisagem, trazer uma fuga do estresse do dia a dia e melhorar a qualidade de vida. Já em São Luís, ficou claro que os moradores gostariam de ter mais espaços livres públicos e que dessa forma a cidade pudesse ser caminhável também.

## 7 ENSAIO DE SISTEMA DE ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS EM SÃO LUÍS

Em São Luís, onde a extensão territorial é maior que em Boston, existe uma diversidade de espaços verdes que podem receber investimentos e vários espaços livres potenciais, mas para parâmetro deste trabalho, as principais áreas utilizadas estão

apresentadas abaixo pelo “pin” no mapa, são elas: Espigão, Lagoa da Jansen, Avenida Litorânea, Estação Ecológica do Rangedor, Avenida Daniel de La Touche, Reserva Florestal Santa Eulália, Avenida São Luís Rei de França, APA Itapiracó, Praça Maria Aragão, Beira Mar, Parque Bom Menino, ELP em potencial localizado próximo a Avenida Vitorino Freire, Avenida dos Franceses, Avenida dos Africanos e Parque Estadual do Bacanga.

Figura 35 – Espaços Livres Públicos utilizados no ensaio – Fonte: Adriana Mendonça, 2017 a partir de ©2015 SANTOS, Társis. L. A.; PRADO, Barbara I. W.



Essas áreas escolhidas são espaços públicos de grande representatividade para São Luís, começando pelos corredores principais, que são as avenidas então apresentadas, onde servem de interligação com qualquer lugar da cidade. Esses caminhos, podem e devem ser feitos não apenas por veículos, mas também por trajetos a pé e/ou meios de transporte alternativos como bicicleta, skate ou outros, dessa forma haveria naturalmente um desadensamento das vias, uma diminuição da poluição do ar, uma vez que a quantidade de veículos tenderia a ser menor, além de um aumento da qualidade de vida para todos aqueles que fazem seus caminhos a pé, onde se poderia andar longas distâncias de forma confortável que é a principal meta do ensaio paisagístico: melhoria da qualidade de vida dos moradores.

Além dos corredores, foram escolhidos espaços livres públicos importantes para a cidade: o espigão e a litorânea, que hoje, configuram locais turístico e locais onde pessoas

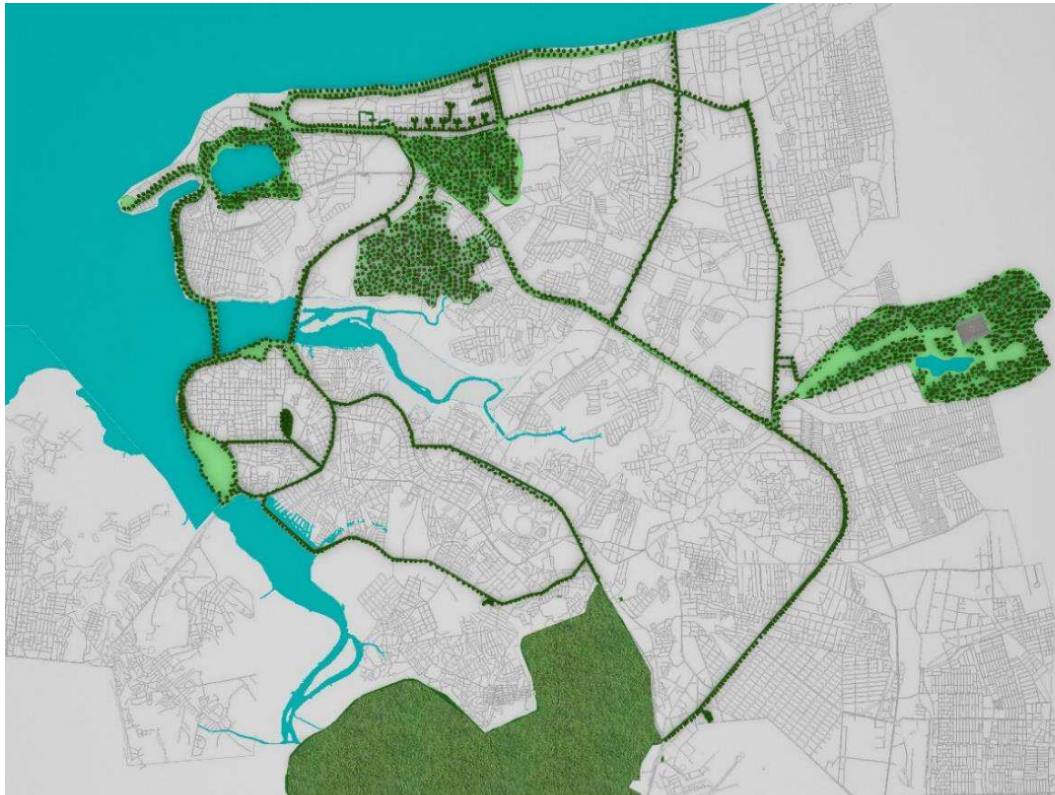
de todos os bairros se locomovem para fazer uso destes espaços, por ser na orla do litoral, já é considerado um ambiente contemplativo de natureza e ao receber infraestrutura necessária para abrigar a multidão que todos os dias vão lá, especialmente para praticar atividades físicas e lúdicas. Ambos seriam conectados entre si e do mesmo modo, conectados ao complexo da Lagoa da Jansen, que já é um espaço muito utilizado pelas pessoas da cidade. Além disso, é uma região de grande passagem e movimentação tanto em dias úteis – pessoas indo e vindo de escolas, trabalhos, etc. – quanto em finais de semanas e feriados, pois é uma área regada de bares, espaços de lazer e ambiente utilizado para descanso e diversão dos moradores. Na área central da Litorânea, com a conversão da Avenida Avicênia em parque linear, haverá a conexão desse complexo de parques junto com a estação ecológica do Rangedor, onde pode ser aprimorado para servir de caminho ao pedestre também ou até mesmo uma estação ecológica com espaço social.

Nas áreas mais populosas, como centro e Cohab/Cohatrac, haveria a interligação dos espaços livres existentes com as avenidas que passam por eles, para que o caminho seja facilitado/melhorado para os indivíduos que farão aproveitamento desses espaços. No centro é o caso da beira-mar, praça Maria Aragão e Parque Bom Menino, que similarmente, se encontra conectado com a área Espigão/Lagoa/Litorânea através do parque linear pela orla no bairro da Liberdade e São Francisco e passando pela ponte José Sarney. Onde, na verdade, ambas as pontes (seria criada uma ponte-irmã conjugada a já existe para que sirva de passarela aos pedestres que queiram ir e vir nessa área) seriam caminháveis, uma vez que a Bandeira Tribuzzi se conectaria com a reserva da Santa Eulália (que a reserva também está conectada com a estação ecológica do Rangedor).

A partir do centro da cidade, fazendo conexão pela avenida dos Africanos quando vindo da área mais a oeste (Beira-Mar, cais da Praia-Grande e Parque Bom Menino) ou a conexão sendo pela avenida dos Franceses, quando vindo da área mais a leste do centro (fim da ponte Bandeira Tribuzzi e Camboa) até chegar ao Parque Estadual do Bacanga, que fica próximo ao aeroporto e “saída” de São Luís para o interior do Estado do Maranhão. Essa conexão continua pela avenida Jerônimo de Albuquerque, que se encontra completamente arborizada para que seja um caminho possível a todos os pedestres. Essa avenida receberia o fluxo da avenida Daniel de La Touche (vindo da Litorânea etc.) e da avenida São Luís Rei de França indo ao encontro da APA Itapiracó.



Figura 36 – Imagem da área da implantação do complexo de parques interligados. Fonte: Adriana Mendonça, 2017 a partir de ©2015 SANTOS, Társis. L. A.; PRADO, Barbara I. W.



A ideia, como pode ser observado na imagem acima, seria a interligação dos Espaços Livres Públicos da cidade de São Luís existentes utilizando como conexão as maiores avenidas para que se possa criar um caminho totalmente apropriado aos pedestres e que possa ter uma grande abrangência, ou seja, poder chegar a vários locais da cidade sejam locais de bairros considerados mais nobres ou não, pois o direito de ir e vir com qualidade é de todos. Sendo assim, a proposta aqui apresentada, busca aplicar os seis parâmetros que foi usados como comparação de São Luís com Boston. Esses parâmetros serviram de auxílio para a visualização de potencialidades e a criação de um ensaio paisagístico para a cidade de São Luís, dessa forma transformando e melhorando:

- a) Visadas estéticas e agradáveis para contemplação. Já que a cidade se encontrará completamente projetada e muito mais “verde”
- b) Caminhabilidade na cidade. Pois seria possível que o pedestre conseguisse a ir aos principais locais utilizando vias com parques lineares onde a qualidade da caminhada seria melhorada e conseqüentemente havendo o aumento do número de pessoas que fariam caminhos a pé ou com bicicletas e outros meios parecidos.

- c) Transformação de áreas antes ‘inúteis’. Uma vez que no momento que existe a interligações de parques existentes, passa-se a perceber diversas áreas ociosas que podem fazer parte da conexão ou até mesmo ser a “via” que tornaria na prática a realização desse feito.
- d) Uso dos espaços livres pela população local e seus anseios em relação aos ELPs. Visto que a abrangência de ELPs seria maior e a facilidade de acesso aos tais também. Então, espera-se dessa forma, haver um uso maior desses espaços pela facilitação representada pelo ensaio, além do que também favoreceria as quebras de distâncias de uma ELPs ao indivíduo.
- e) Participação popular nas decisões urbano-paisagísticas. Por efeito ao maior uso das pessoas nos ELPs, levaria a população a ter mais intenção em participar de decisões e se fazer mais presente.

Figura 37 – Imagem representativa da implantação do complexo de parques interligados. Fonte: Adriana Mendonça, 2017 a partir de ©2015 SANTOS, Társis. L. A.; PRADO, Barbara I. W.



Figura 38 – Na sequência: 1 é o mapa de São Luís, 2 é o mapa com os espaços livres de São Luís sobreposto no mapa, 3 é o esquema paisagístico de interligação dos espaços livres públicos e 4 é o ensaio de sistema de espaços livres públicos para São Luís. Fonte: Adriana Mendonça, 2017.



Isto posto, o ensaio paisagístico para a cidade de São Luís busca primeiramente a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos ludovicenses, visto que isso é influenciado diretamente pelo meio que se habita.

É necessário que aumente a preocupação dos diferentes agentes (políticos, técnicos, promotores e cidadãos) em conceber e construir novos padrões espaciais de vida coletiva, bem como promover a reabilitação de padrões existentes, sobretudo em áreas onde estes estão dissociados dos cidadãos, para que requeiram o desenvolvimento de soluções espaciais, capazes de criar condições de apropriação, utilização e conforto próprias para o exercício da vida coletiva (SERDOURA et al.,2000).

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito de ensaiar um sistema de espaços livres públicos para São Luís foi de grande importância para a criação de uma análise crítica da cidade que vivemos, uma vez que por ser uma cidade litorânea, já possui um excelente recebimento de ventos, um clima altamente favorável para vivência externa às casas, diferente de Boston, que passa quase 8 meses com tempo frio devido ao seu clima ser temperado o que traz um pouco mais de dificuldade da gestão local de encontrar meios para levar os habitantes “para a rua”. Dessa forma, utilizando a análise comparativa de uma cidade onde houve sucesso na criação de um sistema de espaços livres interligados onde pode-se criar uma cidade mais caminhável e assim ofertar um aumento significativo da qualidade de vida, pode-se repensar sobre as potencialidades de São Luís – espaços livres públicos, espaços verdes, áreas de convivências, vias bastantes utilizadas – e ensaiar a ideia de um sistema de espaços livres mais verde, mais harmônico, mais útil, mais receptivo e assim os ludovicenses poderem usufruir mais da cidade.

Para chegar a esse resultado, foi feito um estudo sobre espaços livres públicos, um recorte teórico sobre o paisagismo em Boston, como acontece a gestão de ELPs, como funciona a participação popular nas decisões e o quanto isso é de extrema relevância para a cidade, como se dá a interligação de parques que surgiu do Emerald Necklace e a importância de tudo isso diretamente na vida dos moradores.

Além disso, foi feita a análise sobre São Luís, onde se fez uma breve apresentação da cidade e chegou-se na necessidade de saber qual a opinião dos habitantes quanto aos espaços livres públicos existentes e seus usos. Para isso fez-se uma pesquisa de opinião utilizando o Google formulários como plataforma de recolhimentos de respostas e assim chegou-se a conclusão que a cidade carece de uma gestão, tantos dos ELPs existentes, quanto dos que precisam ser criados em locais que não dispõem dos mesmos. A população precisa de um lazer apropriado para todos e de uma cidade onde seja tranquilo, agradável e acessível a locomoção de pedestres, ciclistas e qualquer outro meio que não sejam apenas veículos automotores.

Assim, neste ensaio aqui proposto, teve-se os principais parques/reservas, APAs, espaços livres ociosos com potencialidades de uso, espaços verdes, vias, ruas, quadras e toda a infraestrutura já existente em São Luís, conectados através desses percursos, mais ecológicos e portanto, oferecendo uma maior apropriação por parte da população dessas áreas e também uma redução das ilhas/corredores de calor em algumas das principais

avenidas de grande porte existentes na capital e isso posto, um melhoramento da situação existente em São Luís, concluindo que existem formas de aperfeiçoamentos plausíveis para a melhoria da situação paisagística da mesma.

## 9 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A7, Atual 7. **Praça da Lagoa será inaugurada nesse sábado.** Disponível em: <<https://atual7.com/noticias/maranhao/2016/06/praca-da-lagoa-da-jansen-sera-inaugurada-neste-sabado/>> Acesso em: 28/11/2017.

BARTALINI, Vladimir. **Áreas verdes e espaços livres urbanos.** Paisagem Ambiente Ensaio. São Paulo n.1. 1986.

BONZI, Ramón Stock. Emerald Necklace – Infraestrutura Urbana Projetada como Paisagem. Revista LABVERDE. 2014.

BOTELHO, Tarcísio R. Revitalização de centros urbanos no Brasil: uma análise comparativa das experiências de Vitória, Fortaleza e São Luís. Revista Eure (Vol. XXXI, n° 939; pp. 53 – 71, Santiago de Chile, agosto 2005.

BPDA Research Division Analysis. **Boston Citywide Plan – Demographic & Economic Backgrounders.** 2015. Disponível em: <<http://www.bostonplans.org/getattachment/5b407528-bf69-4c01-83b9-d2b757178e47/>>. Acesso em 24/12/2017.

BPDA, Boston Planning & Development Agency. **What is Planning?** Disponível em: <<http://www.bostonredevelopmentauthority.org/planning/what-is-planning>>. Acesso em: 16/08/2017.

CARR, S, Francis, M., Rivlin, L.g., Stone, A.M. **Public Space.** Cambridge: Cambridge University Press. 1992

CASTRO, Luiz Guilherme Rivera de. **“O que é espaço público?”** – Entrevista para revista AU, 2013. Disponível em: <<http://au.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/232/o-que-e-espaco-publico-292045-1.aspx>>. Acesso em: 01/10/2017.

CITY OF BOSTON. **Arnold Arboretum: The Arboretum is a living museum dedicated to the study and appreciation of woody plants.** Disponível em:



<<https://www.boston.gov/parks/arnold-arboretum>>. Acesso em: 26/07/2017.

CITY OF BOSTON. **Back Bay Fens: The Fens continues to be much loved and utilized.**

Disponível em: <<https://www.boston.gov/parks/back-bay-fens>>. Acesso em: 26/07/2017.

CITY OF BOSTON. **Boston Common: Hear the echoes of 350 years of the most extraordinary history of America's oldest park.** Disponível em:

<<https://www.boston.gov/parks/boston-common>>. Acesso em: 26/07/2017.

CITY OF BOSTON. **Commonwealth Avenue Mall: The Mall's 32 acres were designed in the French boulevard style by Arthur Gilman in 1856.** Disponível em:

<<https://www.boston.gov/parks/commonwealth-avenue-mall>>. Acesso em: 26/07/2017.

CITY OF BOSTON. Franklin Park: Come visit the zoo, play a round of golf, picnic, perambulate, or play ball in Franklin Park's vast expanses of green. Disponível em:

<<https://www.boston.gov/parks/franklin-park>>. Acesso em: 26/07/2017.

CITY OF BOSTON. **Jamaica Plain: Come explore Jamaica Plain, one of Boston's most diverse and happening neighborhoods.** Disponível em:

<<https://www.boston.gov/neighborhood/jamaica-plain>>. Acesso em: 26/07/2017.

CITY OF BOSTON. Jamaica Pond: Bostonians flock to Jamaica Pond for concerts, children's programs, theater performances, rowing, sailing, fishing, running and biking with a view. Disponível em: <<https://www.boston.gov/parks/jamaica-pond>>. Acesso em: 26/07/2017.

CITY OF BOSTON. **Olmsted Park: Much of the park is heavily wooded, but Leverett Pond, forming the western border, presents a beautiful vista.** Disponível em:

<<https://www.boston.gov/parks/olmsted-park>>. Acesso em: 26/07/2017.

CITY OF BOSTON. Parks And Recreation: We create and maintain clean, green, safe, and accessible open space in more than 2,300 acres of park land throughout Boston. Disponível em: <<https://www.boston.gov/departments/parks-and-recreation>>. Acesso em: 26/07/2017.



CITY OF BOSTON. **Public Garden: The Public Garden was the first public botanical garden in America.** Disponível em: <<https://www.boston.gov/parks/public-garden>>. Acesso em: 26/07/2017.

CITY OF BOSTON. **Roslindale: Find out why residents love this neighborhood's natural beauty and charm.** Disponível em: <<https://www.boston.gov/neighborhood/roslindale>>. Acesso em: 26/07/2017.

CITY OF BOSTON. **The Riverway: The Riverway provides scenic relief for commuter on foot, on bicycles, and on the parkways.** Disponível em: <<https://www.boston.gov/parks/riverway>>. Acesso em: 26/07/2017.

CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana.** Lisboa (Portugal): Edições 70, 1996. 202 p.

EMERALD NECKLACE CONSERVANCY. **Emerald Necklace Map.** Disponível em: <<https://www.emeraldnecklace.org/park-overview/emerald-necklace-map/>> Acesso em 29/11/2017

GOVERNO DO ESTADO DO MARANHÃO. **São Luís 405 anos: Lagoa da Jansen ganha Praça do Foguete e passa por mudança histórica no combate à poluição.** Disponível em: <<http://www.ma.gov.br/agenciadenoticias/desenvolvimento/sao-luis-405-anos-lagoa-da-jansen-ganha-praca-do-foguete-e-passa-por-mudanca-historica-no-combate-a-poluicao>> Acesso em: 28/11/2017

GREEN, Jared. **The Landscape Architect's Guide to Boston.** The American of Society of Landscape Architects' new guide features tours of 100 historic and contemporary landscapes across Boston. Metropolis, 2013. Disponível em: <<http://www.metropolismag.com/cities/landscape/the-landscape-architects-guide-to-boston/>>. Acesso em: 23/12/2017.

GUIDINI, Roberto. **A caminhabilidade: medida urbana sustentável.** Mobilize Brasil, 2010. Disponível em: <<http://www.mobilize.org.br/midias/pesquisas/a-caminhabilidade-medida-urbana-sustentavel.pdf>>. Acesso em 20/12/2017

HANNES, Evy. **Espaços Abertos E Espaços Livres: Um Estudo De Tipologias.** Paisagem Ambiente Ensaios São Paulo n. 37. 2016

IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais. **Estimativas da população residente em São Luís do Maranhão.** IBGE cidades. 2017. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=211130>> (acesso 18:47, 30/09/2017).

IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais. **Estimativas da área da unidade territorial em São Luís do Maranhão.** IBGE cidades. 2016. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=211130>> (acesso 18:47, 30/09/2017).

IMAGINE BOSTON 2030. **Imagine Boston 2030: A plan for the future of Boston.** Disponível em: <<https://imagine.boston.gov/>>. Acesso em 27/10/2017.

JELLICOE, Geoffrey Alan; JELLICOE, Susan. **THE LANDSCAPE OF MAN: Shaping the Environment from Prehistory to the Present Day.** 3ª Edição. Reino Unido: Thames & Hudson Ltd, 1995.

KZLA (Prime), Bartlett Tree Experts, Moreno Consulting Forestry. **Emerald Necklace Tree Inventory, Conditions Assessment, and Management Plan.** 2015. Disponível em: <<https://www.kylezick.com/work-enc>> Acesso em: 29/11/2017

MACEDO, Silvio Soares. **Espaços Livres.** Paisagem Ambiente Ensaios São Paulo n. 7. 1995.

MINAMI, Issao; JÚNIOR, João Lopes Guimarães. **A questão da ética e da estética no meio ambiente urbano ou porque todos devemos ser belezuras.** Arquitectos, Vitruvius. 2001. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitectos/02.015/862>>. Acesso em: 19/12/2017.

PRADO, Barbara I. W.; SANTOS, Társis L. A. Estruturas Significantes e Ativas da Paisagem Insular do Norte da Ilha de São Luís: análise das potencialidades do sistema de

espaços livres. São Luís. PIBIC - CNPq/UEMA, 2015. 106 p. (Relatório final de pesquisa).

PRADO, Barbara Irene Wasinski. **Paisagem Ativa das Ilhas**. Tese (Doutorado em Urbanismo) Rio de Janeiro: UFRJ/FAU, 2011.

PREFEITURA DE SÃO LUÍS. São Luís: uma leitura da cidade. Prefeitura de São Luís / Instituto de Pesquisa e Planificação da Cidade. São Luís: Instituto da Cidade, 2006.

PRESSLEY, Marion. **Emerald Necklace Overview**. The Landscape Architect's Guide to Boston. Disponível em: <<https://www.asla.org/guide/site.aspx?id=40785>>. Acesso em: 26/07/2017

PRETO, Maria Helena. SISTEMA DE ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS: uma contribuição ao planejamento local. Dissertação FAU USP 2009.

QUEIROGA, Eugenio Fernandes; BENFATTI, Denio Munia. **Sistemas de Espaços Livres Urbanos: Construindo um referencial teórico**. Paisagem Ambiente Ensaios. São Paulo n. 24. 2007.

ROSLINDALE PLAYGROUNDS. **Roslindale Wants to Play**. 2013. Disponível em: <<https://roslindaleplaygrounds.org/>>. Acesso em 22/12/17.

SÁ CARNEIRO, Ana Rita; MESQUITA, Liana de Barros. **Espaços Livres do Recife**; Colaboradores: Elba Souto, Lúcia Veras, Neide de Azevedo, Erika de Almeida. Fábio Cavalcante. – Recife: Prefeitura da Cidade do Recife / Universidade Federal de Pernambuco, 2000.

SAKATA, F. G. **O projeto paisagístico como instrumento de requalificação urbana**. 2004. 135 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

SANTOS, Társis Lisandro Aires dos. (PESQUISADORA PIBIC-CNPq/UEMA); PRADO, Barbara I. W.(ORIENTADORA). **Análise das Potencialidades do Sistema de Espaços Livres de São Luís**. Relatório da Pesquisa apresentado ao Programa de Bolsa de Iniciação

Científica da Universidade Estadual do Maranhão PIBIC-CNPQ/UEMA e vinculado à pesquisa Estruturas Significantes e Ativas da Paisagem Insular do Norte da Ilha de São Luís (em Andamento), coordenada pela Profa. Dra. Barbara Irene Wasinski Prado do Laboratório da Paisagem e do Ambiente Construído – LAPA, Departamento de Arquitetura e Urbanismo-UEMA. São Luís: PIBIC-CNPq/UEMA, 2015. 106 p.

SAUER, Carl. O. A Morfologia da Paisagem. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.) **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SPIRN, Anne. O jardim de granito – A natureza no desenho da cidade. São Paulo: Edusp, 1995.

SERDOURA, F.; et.al. O espaço coletivo na cidade de Lisboa: fatores de apropriação e utilização. Lisboa- Portugal. Mimeo, 2000.

TARDIN, Raquel. **Espaços livres: sistema e projeto territorial**. – Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

THE BOSTON FOUNDATION. **We bring people and resources together to solve Boston's big problems**. Disponível em: <https://www.tbf.org/>. Acesso em 02/11/2017

USP. UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Laboratório da Paisagem. QUAPÁ-SEL. Relatório: Oficina Quapá-sel São Luís – Maranhão. Projeto temático de pesquisa. Os sistemas de espaços livres e a constituição da esfera pública contemporânea no Brasil. Laboratório da Paisagem FAUUSP, 2009.

ZAITZEVSKY, Cynthia. **Frederick Law Olmsted and the Boston Park System**. Cambridge: Harvard University Press, 1992.